

UNIVERSIDADE ABERTA



Mulheres brasileiras na Alemanha:
Experiências e estratégias de integração laboral

Juliana Avila

MESTRADO EM ESTUDOS SOBRE AS MULHERES - GÉNERO, CIDADANIA E
DESENVOLVIMENTO

2024

UNIVERSIDADE ABERTA



Mulheres brasileiras na Alemanha:
Experiências e estratégias de integração laboral

Juliana Avila

MESTRADO EM ESTUDOS SOBRE AS MULHERES - GÉNERO, CIDADANIA E
DESENVOLVIMENTO

Dissertação de Mestrado orientada pelo Professor Manuel Abrantes
e coorientada pela Professora Rosana de Lemos de Sousa Albuquerque

Março de 2024



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND

AGRADECIMENTOS

Especialmente, ao Prof. Dr. Manuel António da Silva Abrantes, meu orientador, pelo apoio, disponibilidade e motivação permanente, por compartilhar comigo seu vasto conhecimento e por me aconselhar assertivamente, contribuindo sempre para melhorar a profundidade e a clareza desta dissertação.

À Prof. Dra. Rosana de Lemos de Sousa Albuquerque por todas as suas contribuições ao longo do caminho.

Ao meu marido, Rafael Tytko Armelin, por me incentivar sempre, me apoiar em meus projetos e acreditar incontestavelmente em meu potencial (até quando eu mesma chego a me esquecer ou duvidar de que sou capaz!).

À minha rede de apoio, em especial, minha irmã Patrícia Avila e minha amiga Bárbara Matys Moraes de Macedo, por me ajudarem inúmeras vezes, cuidando de meus filhos, para que eu pudesse realizar esse trabalho. Mas não apenas! Também, pela amizade, pelo carinho, por torcerem por mim e estarem sempre ao meu lado!

Enfim, imensamente, a todas as 74 mulheres que dispenderam de seu tempo e compartilharam comigo seus relatos, sem os quais, essa investigação não teria sido possível.

“Você sabe o que é um sotaque estrangeiro? É um sinal de coragem.”

Amy Chua (2011)

DEDICATÓRIA

Para Heloísa, Beatriz, Eduardo, Lorenzo & Rafael
Com todo meu amor, àqueles que dão significado à minha vida.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

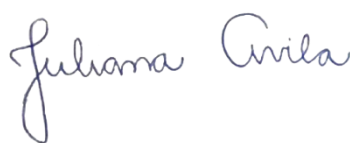
Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente dissertação/tese. Confirmando que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer outra forma de falsificação de resultados.

Declaro que tomei conhecimento integral do Regulamento Disciplinar da Universidade Aberta, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 215, de 6 de novembro de 2013.

Universidade Aberta, 15 de março de 2024

Nome completo: Juliana Avila

Assinatura:



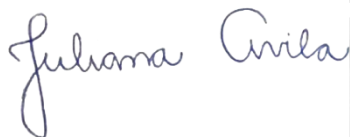
STATEMENT OF INTEGRITY

I hereby declare having conducted my thesis with integrity. I confirm that I have not used plagiarism or any form of falsification of results in the process of the thesis elaboration. I further declare that I have fully acknowledged Disciplinary Regulations of the Universidade Aberta (regulation published in the official journal Diário da República, 2.ª série, N.º 215, de 6 de novembro de 2013).

Universidade Aberta, March 15th, 2024

Full name: Juliana Avila

Signature:



RESUMO

Este trabalho apoia-se em estudos que integram as relações de gênero e os estudos migratórios, visando entender experiências específicas da mulher migrante no mercado de trabalho. O objetivo geral é identificar a natureza das dificuldades e reconhecer, sob uma lente interseccional, em que medida o cruzamento dos eixos discriminatórios de sexo, origem racial e étnica, classe social e condição de imigrante intensificam as barreiras à inserção no mercado de trabalho alemão para as mulheres brasileiras qualificadas.

Para este fim, a investigação concentra-se no caso de mulheres brasileiras com educação superior, experiência profissional, em idade ativa e que residem na região de Wolfsburg, identificando dificuldades que se traduzem em frustrações e desistências, aceitação forçada de empregos abaixo da qualificação ou opção coagida pelo empreendedorismo.

O desenvolvimento da pesquisa se concentrou, principalmente, em relatos pessoais, mas considerou, também, estatísticas oficiais. Inicialmente realizou-se uma revisão de literatura bibliográfica e, em seguida, foram recolhidos dados estatísticos, aplicados 74 questionários online e realizadas 11 entrevistas estruturadas.

Conclui-se que a migração acarretou, para as mulheres analisadas, a perda da autonomia, a mobilidade de classe descendente e interseccionalidades relativas à inserção no mercado trabalho local. Confirma-se a invalidação de qualificações e experiências laborais prévias à migração, a existência de outros obstáculos de caráter discriminatório e a sobrequalificação na distribuição ocupacional deste grupo de imigrantes.

Apesar dos prejuízos, infere-se que há outros fatores que sobressaem e tornam altos os níveis de satisfação com a permanência na Alemanha, como a melhor qualidade de vida e as vivências adquiridas.

Palavras-chave: mulher, migração, gênero, interseccionalidade, trabalho, segregação ocupacional.

ABSTRACT

This work is based on studies that integrate gender relations and migration studies, aiming to understand the specific experiences of migrant women in the labor market. The main goal is to identify the nature of the difficulties and to recognize, through an intersectional lens, the extent to which the crossing of the discriminatory axes of gender, racial and ethnic origin, social class and immigrant status intensify the barriers to enter the German labour market for qualified Brazilian women.

Therefore, the research focuses on Brazilian women with higher education, professional experience, of working age and living in the Wolfsburg region, identifying difficulties that translate into frustration and giving up, forced acceptance of under-qualified jobs or the coerced choice of entrepreneurship.

The research draws mainly on personal narratives, but also on official statistics. Initially, a review of the literature was carried out, followed by the collection of statistical data, 74 online questionnaires and 11 structured interviews.

The results show that migration has led to a loss of autonomy for the women under analysis, downward class mobility and intersectionalities in their integration into the local labor market. The invalidation of qualifications and work experience prior to migration, the existence of other discriminatory obstacles and overqualification in the occupational distribution of this group of immigrants are confirmed.

Despite the losses, it can be inferred that there are other factors that stand out and make the levels of satisfaction with life in Germany high, such as the better quality of life and the life experiences gained.

Keywords: woman, migration, gender, intersectionality, work, occupational segregation.

ZUSAMMENFASSUNG

Diese Arbeit basiert auf Studien, die Gender-Beziehungen und Migrationsforschung verbinden und darauf abzielen, die spezifischen Erfahrungen von Migrantinnen auf dem deutschen Arbeitsmarkt zu verstehen. Das Hauptziel ist, die Art der Schwierigkeiten zu identifizieren und durch eine intersektionale Sicht zu erkennen, inwieweit die Überschneidung der diskriminierenden Komponenten von Geschlecht, Rasse und ethnischer Herkunft, sozialer Klasse und Migrantenstatus die Hindernisse für den Zugang zum deutschen Arbeitsmarkt für qualifizierte brasilianische Frauen verstärkt.

Daher konzentriert sich die Untersuchung auf Brasilianerinnen mit höherer Bildung und Berufserfahrung, die im erwerbsfähigen Alter sind und in der Region Wolfsburg leben. Es zeigt die Schwierigkeiten auf, die zu Frustration und Selbstaufgabe, zur Annahme unterqualifizierter Arbeitsangebote aus der Not heraus, oder zum Schritt in die Selbständigkeit, mangels anderer Optionen, führen.

Die Forschung konzentrierte sich hauptsächlich auf persönliche Erzählungen, berücksichtigte aber auch offizielle Statistiken. Zunächst wurde eine Überprüfung der Literatur durchgeführt, gefolgt von statistischen Daten. Es wurden, 74 Online-Fragebögen und 11 strukturierte Interviews ausgewertet.

Die Ergebnisse zeigen, dass die Migration für die an der Studie teilnehmenden Frauen zu einem Autonomieverlust, zu einer Absenkung der sozialen Schicht und zu Intersektionalität bei ihrer Integration in den lokalen Arbeitsmarkt geführt hat. Sie bestätigen die Entwertung der vor der Migration vorhandenen Qualifikationen und Berufserfahrung die Existenz weiterer diskriminierender Hindernisse und den hohen Grad Überqualifizierung innerhalb dieser Gruppe von Einwanderern.

Trotz der festgestellten beruflichen Abwertungen lässt sich erkennen, dass es andere Faktoren gibt, die positiv herausstechen und die Zufriedenheit mit dem Leben in Deutschland dennoch hoch ist, zum Beispiel durch die bessere Lebensqualität und die durch die Migration erworbenen Lebenserfahrungen.

Stichworte: Frauen, Migration, Gender, Intersektionalität, Arbeit, berufliche Segregation.

ÍNDICE

Introdução	1
1. Enquadramento teórico	8
1.1. Migração e gênero	8
1.2. Migração e trabalho	12
1.3. Migração Brasil-Alemanha.....	17
2. Objetivos e questões de investigação.....	25
3. Metodologia.....	28
4. Dados secundários	36
4.1. Sobre a Alemanha.....	36
4.2. Sobre Wolfsburg e Região.....	39
4.3. Mulheres brasileiras em Wolfsburg e Região.....	41
4.4. Observações sobre os dados secundários	43
5. Dados primários	48
5.1. Questionário online.....	48
5.2. Entrevistas estruturadas	52
5.2.1. Motivação à migração	52
5.2.2. Aspectos do processo de integração	55
5.2.3. Experiências laborais	61
Conclusões	70
Bibliografia	77
Anexo I - Formulário de consentimento	81
Anexo II – Questionário aplicado	82
Anexo III – Guião para entrevista.....	85

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Perfil das entrevistadas	32
Quadro 2: População na Alemanha por sexo.....	36
Quadro 3: População brasileira na Alemanha por sexo	37
Quadro 4: População brasileira e população estrangeira desempregada, por sexo, 2012 – 2022	38
Quadro 5: População alemã e população total desempregada, 2012 – 2022	39
Quadro 6: População total e estrangeira* em Wolfsburg e Região	40
Quadro 7: População Brasileira em Wolfsburg e Região em 2022	40
Quadro 8: População brasileira feminina em Wolfsburg e Região em 2022	41
Quadro 9: População brasileira residente em Wolfsburg e Braunschweig em 2022	42
Quadro 10: Desemprego por nacionalidade e sexo na Baixa Saxônia em Maio de 2023	43
Quadro 11: População brasileira residentes em Wolfsburg e Região em 2022	47
Quadro 12: Tempo de experiência profissional prévia à migração.....	49
Quadro 13: Atuação profissional	51
Quadro 14: Desempenho de atividade remunerada e nível de conhecimento de alemão	51
Quadro 15: Comparativo de carreiras pré e pós migração.....	62

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: População brasileira feminina em Wolfsburg e Braunschweig em 2022	42
Gráfico 2: População estrangeira e brasileira na Alemanha – evolução entre 2012 e 2022	44
Gráfico 3: Participação percentual da população brasileira na totalidade da população estrangeira	44
Gráfico 4: Participação da população feminina na totalidade da população brasileira na Alemanha.....	45
Gráfico 5: Motivação à migração	49
Gráfico 6: Tipo de atividade remunerada exercida.....	50
Gráfico 7: Responsável por iniciar o processo de migração	53

LISTA DAS PRINCIPAIS ABREVIATURAS

DESTATIS	Departamento de Estatísticas da Alemanha
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MRE	Ministério das Relações Exteriores
VW	Volkswagen

INTRODUÇÃO

Há várias décadas que as migrações têm merecido estudo aprofundado em muitas regiões do mundo. Assim como em outras áreas de investigação, também neste campo se tem verificado um crescente reconhecimento da importância das dimensões de gênero. A partir deste cruzamento, resultou uma bibliografia considerável sobre as experiências migratórias de mulheres.

Essa bibliografia leva-nos a esperar, por exemplo, que a migração feminina seja motivada pelo rompimento com sociedades discriminatórias, que as colocam em posição de subordinação (Assis, 2007). Imagina-se que fatores econômicos e/ou sociais, tais como a existência de redes de contato compostas por família, amigos e comunidades, influenciem, fortemente, a tomada de decisão (Boyd, 1989). Presume-se que o processo migratório propicie às mulheres melhores condições socioeconômicas e obtenção de maior grau de autonomia (Morokvašić, 2014).

No entanto, nem sempre essas expectativas se confirmam. As trajetórias de migração feminina são complexas e plurais. São determinadas pela forma como se relacionam inúmeras variáveis, tais como gênero, orientação sexual, classe, etnia, idade, posição no mercado de trabalho, relações familiares, grau de autonomia, participação e inserção social (Albuquerque, 2005).

São muitos os estudos disponíveis sobre a indústria do sexo e o tráfico de mulheres. Durante a pesquisa bibliográfica, também foram identificados outros que se dedicam à análise das trajetórias de mulheres brasileiras de baixa renda motivadas a migrar à Europa pela estratégia de mobilidade educacional ascendente (Carnicer, 2019). Estes casos de migração educacional relatam mulheres jovens (condição que minimiza, em função da idade, a dificuldade de aprendizado do idioma), que estudaram e iniciaram suas carreiras profissionais na Europa (o que elimina as questões de validação de certificados e diplomas profissionais e reconhecimento de experiência profissional no exterior). Como conclusão, identificam que o processo migratório viabiliza a estas mulheres excelentes oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional, além de bons salários, que possibilitam, inclusive o envio de remessas de dinheiro aos familiares no Brasil. São casos bem-sucedidos, que

estimulam a migração posterior de irmãs, sobrinhas, amigas etc para a Europa, legitimando a expectativa de que o processo migratório resulte em ascensão socioeconômica e até em proteção social à família que permanece em seu país de origem (Carnicer, 2019; Paz, Assis & Delluno, 2020).

Contudo, é oportuno salientar que, embora existam muitas brasileiras migrantes pertencentes às mais baixas estratificações socioeconômicas, nem toda a mulher brasileira que decide migrar é motivada por questões financeiras, experiência de vitimização, envolvimento com a indústria do sexo ou um casamento “arranjado e conveniente” (Lidola, 2013). Pelo contrário, em função da localização geográfica do Brasil, mulheres brasileiras pertencentes às estratificações sociais mais baixas não dispõem de recursos financeiros e acesso suficiente à informação que lhes permita migrar para países longínquos, que justifica que estas não atendam à norma de migrantes “pobres, incultos e desqualificados”, mas que se trate de mulheres com melhores níveis socioeconômico e de escolaridade (Stelzig-Willutzki, 2012).

Adicionalmente, a mulher brasileira desperta, na Europa imaginários de sexualidade natural, submissão e adequação ao trabalho de cuidar e essas representações fazem com que estas sejam colocadas em posição de desigualdade e inferioridade face às mulheres e homens autóctones (Assis & Siqueira, 2021). As sociedades se organizam de acordo com relações hierárquicas de poder e, uma vez que as posições de trabalho se dividem de forma desigual entre homens e mulheres, entre migrantes e nativas e que as funções desvalorizadas se concentram nas mãos de determinado grupo minoritário, a posição de subordinação que este grupo ocupa nesta estratificação social é sedimentada. (Albuquerque, 2005).

Desta forma, embora o processo migratório possa vir a alterar o estatuto social de gênero, não faz, necessariamente, com que sejam estabelecidas relações mais igualitárias. A segregação sexual do mercado de trabalho nos países de destino pode, inclusive, aumentar a desigualdade, quando mulheres que desempenhavam outras atividades em seus países de origem passam a se concentrar em segmentos femininos (Boyd & Grieco, 2003).

As vivências que venho acumulando nos últimos 9 anos, desde a minha chegada à Alemanha em 2015, e também o olhar sobre o público que assessoro desde outubro de 2020¹,

¹ Desde outubro de 2020, atuo como fundadora e gestora de uma associação sem fins lucrativos chamada Aquarela Frauengruppe e.V., em Wolfsburg na Alemanha. O propósito desta ONG é acolher, reunir e

despertaram meu interesse em investigar as experiências deste grupo específico de mulheres brasileiras que se dedicavam a uma atividade profissional antes de migrarem.

Do ponto de vista científico, esta análise se faz relevante, primeiramente, porque produz conhecimento complementar à escassa e dispersa literatura disponível sobre mulheres brasileiras na Alemanha. São poucos os estudos disponíveis e estes se dedicam, especialmente, a temas como a indústria do sexo, o tráfico de mulheres, trajetórias de mulheres brasileiras de baixa renda e mobilidade educacional ascendente.

Em segundo lugar, porque o grupo de mulheres que compartilham deste perfil é bastante expressivo na totalidade da população brasileira na Alemanha.

Conforme apresentado por Lidola (2013) e Stelzig-Willutzki (2012), as mulheres migrantes brasileiras na Alemanha são, em sua maioria, mulheres que migram por questões de união familiar (para acompanhar seus parceiros) ou que solidificam sua permanência no país através de um casamento binacional e, na regra, não são pertencentes às classes sócio-econômicas mais inferiores. A longa distância entre o Brasil e a Alemanha, assim como os altos custos envolvidos no processo migratório entre os dois países, exigem bom acesso às informações e recursos financeiros, fazendo com que esse percurso seja percorrido, maioritariamente, por mulheres com melhores níveis socioeconômico e de escolaridade

A partir desta investigação, constitui-se conhecimento sobre as experiências de mulheres brasileiras, com nível de ensino superior completo, qualificação e experiência profissional consolidada em seu país de origem e as consequências atreladas à migração à Alemanha, como a perda de sua independência financeira e a mobilidade de classe descendente a que são submetidas no país de destino (Abrantes, 2013).

Durante o processo de migração, a posição que essas mulheres haviam conquistado e solidificado no mercado de trabalho passa a ser ignorada. Elas experimentam a invalidação de suas qualificações e experiências laborais prévias e atravessam dificuldades para inserir-se no mercado de trabalho alemão, em função da intersecção de gênero, nacionalidade e,

capacitar as mulheres para transformar, de forma ética e positiva, nossas vidas e nosso entorno. Desde então, venho desenvolvendo projetos com mulheres com histórico de migração, para promover a equidade de gênero, a mentalidade internacional e a integração e criar um espaço acolhedor para que outras mulheres imigrantes troquem experiências, ajudem umas às outras e criem uma rede de apoio.

frequentemente, raça (Lidola, 2013). Frequentemente, estes obstáculos acabam por convencê-las a aceitar empregos muito abaixo de suas competências, que jamais imaginaram vir um dia a realizar (Abrantes, 2013).

Simultaneamente, essas mulheres sofrem perda do status social que detinham em seu país de origem, sendo submetidas a um nivelamento (para baixo) de classe com a totalidade das mulheres migrantes, com as quais acabam compartilhando trabalhos de baixo prestígio, o que consolida o seu posicionamento desprivilegiado na estrutura social (Kahrsch, 1996).

É sobre as experiências vividas por este grupo “mais privilegiado” de mulheres brasileiras migrantes que esta dissertação se desenvolve, a partir da análise de trajetórias de mulheres credenciadas com títulos de educação superior, em diversas áreas e níveis, acima da média brasileira de escolaridade. Ainda neste sentido, é válido ressaltar que, no Brasil, dificilmente pessoas pertencentes às classes sociais mais carentes têm acesso ao ensino superior, portanto, ao referir-se a brasileiros com altos níveis de escolaridade, concomitantemente, refere-se também a pessoas mais privilegiadas em termos de recursos financeiros.

A partir dos dados do IBGE, em 2022, 19,2% da população brasileira com 25 anos ou mais concluíram o ensino superior, ao passo que todas as mulheres consideradas neste estudo possuíam, ao migrar, pelo menos um diploma de graduação, e boa parte possuía adicionalmente certificados de pós-graduação e especialização.

A análise é conduzida partir da realização de entrevistas, concentrando-se principalmente em relatos pessoais, porém, levando em conta também estatísticas e informações oficiais.

Esta pesquisa buscou, sem prejuízo do enquadramento histórico e económico, dar centralidade às experiências vividas por mulheres, de acordo com suas próprias percepções e narrativas. A partir dos questionários e entrevistas aplicados, objetivou dar voz às mulheres e focar em suas perspectivas, para com isso questionar, corroborar e enriquecer o conhecimento produzido em estudos anteriores.

Trata-se de um estudo empírico, produzido a partir da coleta de dados em campo, o qual atravessou dificuldades naturais, que precisaram ser superadas através de competências adquiridas durante o processo. As conclusões se baseiam em fatos e evidências provenientes de experiências vividas, relatadas e analisadas.

O primeiro capítulo sintetiza e organiza os contributos mais importantes da literatura científica, cuja revisão foi considerada pertinente para o enquadramento deste seu estudo. Esta revisão se dá através do entrelaçamento de três principais aspectos: as dinâmicas entre migração e género; a importância e a complexidade da esfera do trabalho (pago e não pago) nos fluxos migratórios e as peculiaridades da migração do Brasil para a Alemanha.

Na secção dedicada à “migração e género”, analisa-se a intensificação das relações de poder durante o processo migratório e a consequente necessidade da análise interseccional dos estudos migratórios. São ressaltadas diferenças nas motivações e impactos sofridos por homens na migração, a evolução dos fluxos migratórios femininos e do perfil da mulher migrante do no contexto internacional, com destaque para a crescente participação ativa da mulher e a predominância dos migrantes transnacionais no cenário contemporâneo.

Na secção “migração e trabalho”, são explorados, entre outros, a importância da vertente laboral à análise processos migratórios, sua relação com a integração, a alocação concentrada de imigrantes no setor secundário, em condições laborais inferiores, divisão sexual do trabalho e a experiência de trajetórias de mobilidade descendente.

Na secção “Migração Brasil-Alemanha”, são identificadas particularidades dos fluxos migratórios provenientes do Brasil, com destino a Alemanha, considerando a evolução ao longo dos anos, motivações, perfil, importância das conexões sociais, estereótipos e discriminações e inserção no mercado de trabalho.

No segundo capítulo, são detalhados os objetivos e as questões desta investigação, que busca analisar as interseccionalidades às quais são submetidas mulheres brasileiras qualificadas no mercado de trabalho alemão. São destacados os aspectos da revisão bibliográfica que se confirmam a partir desta pesquisa e de que forma o presente trabalho visa complementar o conhecimento científico sobre as mulheres brasileiras na Alemanha.

O terceiro capítulo se dedica à metodologia de pesquisa utilizada. Nele, são detalhados os métodos quantitativos e qualitativos utilizados, a forma como os dados foram recolhidos, analisados e triangulados, como o objetivo de melhor compreender fatos e maximizar a confiabilidade dos resultados do estudo, assim como algumas das limitações enfrentadas durante o processo.

O quarto capítulo decorre sobre os dados secundários analisados. São descritas as análises e triangulações realizadas sobre as estatísticas oficiais a respeito da população brasileira na

Alemanha e na região de Wolfsburg, com destaque para a participação feminina, perfil etário e inserção no mercado de trabalho. As fontes oficiais consultadas foram o Departamento de Estatísticas da Alemanha (DESTATIS), Ministério Federal de Migração e Refugiados (BAMF), *Bundesagentur für Arbeit* (Agência Oficial de Empregos) e os departamentos de estatística das prefeituras municipais de Wolfsburg e Braunschweig.

No quinto capítulo são relatadas as análises dos dados primários, divididas em duas etapas. Primeiramente, refere-se à aplicação de questionário online, que permitiu a recolha de dados estatísticos mais específicos sobre as brasileiras às quais este estudo se dedica. Posteriormente, analisa-se o conjunto de entrevistas estruturadas presenciais, realizadas com o intuito de aprofundar e esmiuçar o entendimento sobre as experiências migratórias e laborais destas mulheres. Os principais aspectos observados foram o perfil da população, suas experiências laborais prévias e posteriores à migração, suas motivações por migrar, sua integração social no país de acolhida e seu nível de satisfação em residir na Alemanha.

O sexto capítulo se dedica às conclusões deste estudo. Nele, são apuradas as confirmações e divergências identificadas em relação aos contributos bibliográficos e relatadas as inferências a respeito das experiências laborais de mulheres brasileiras na Alemanha. Destacam-se as confirmações sobre a existência de discriminações interseccionadas na inserção de migrantes brasileiras ao mercado trabalho local, teoria da mobilidade de classe contraditória e sobrequalificação na distribuição ocupacional.

Adicionalmente à relevância acadêmica, é válido ressaltar a escolha do tema desta dissertação também foi motivada por experiências pessoais, vividas por mim enquanto mulher, latina, brasileira, profissional, esposa, mãe e, em especial, como imigrante em terras germânicas.

Pela segunda vez, vivencio um processo migratório do Brasil para a Alemanha. Na primeira ocasião, eu era uma jovem, de 20 anos, solteira, estudante universitária, cujo principal objetivo era adicionar uma experiência internacional ao currículo. Desta vez, venho como uma mulher madura, com diploma universitário, mais de uma década de experiência profissional, casada, mãe de duas crianças pequenas e vindo a dado a luz a duas mais após a chegada ao país.

Ambas as situações envolvem inúmeras dificuldades de adaptação, situações discriminatórias e lutas diárias a serem vencidas. Entretanto, a profundidade das

adversidades enfrentadas no segundo modelo é abismal em comparação com o primeiro e é, justamente, a trajetória de migração de mulheres que compartilham deste perfil que me proponho a analisar.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O enquadramento teórico que se desenvolve a seguir é estruturado em três aspetos: o primeiro se refere às dinâmicas entre migração e género; o segundo descreve a centralidade e a complexidade da esfera do trabalho (pago e não pago) nos fluxos migratórios e o terceiro expõe as particularidades da migração do Brasil para a Alemanha.

O entrelaçamento destes três aspetos permite sintetizar e organizar os contributos mais importantes da literatura científica, cuja revisão foi considerada pertinente à contextualização deste estudo.

1.1. Migração e Género

As relações de género são construções sociais que, apoiadas em noções de masculinidades e de feminilidades normatizadas na sociedade, definem as expectativas sobre a participação de mulheres e de homens nas diferentes esferas, como família, escola, trabalho, política, Estado e religião. A partir delas, são produzidas “crenças, ideologias e práticas sociais que organizam as relações entre homens e mulheres e que constituem modelos específicos que orientam para uma determinada ordem de género” (Connell, 1987 apud Vieira, 2017, p. 323).

A hegemonia masculina, estabelecida socialmente, fez com a história tenha sempre sido escrita sob a ótica masculina, observando atividades, experiências e feitos dos homens e desconsiderando a especificidade feminina (Bock, 1989). Assim como os demais aspectos históricos, o processo migratório das mulheres também foi invisibilizado. Dentro do modelo familiar patriarcal, no qual os homens são vistos como chefes de família, responsáveis pelo sustento e mulheres como suas dependentes, relegadas à esfera familiar, subentende-se que estas não exercem influência sobre os movimentos migratórios, sua migração é mera consequência de estratégias familiares, representa pouca ou nenhuma importância económica e não desperta, portanto, interesse de autores e pesquisadores (Miranda, 2009). A invisibilidade da migração feminina é, ainda, redobrada pela concentração de mulheres imigrantes no mercado de trabalho informal, entre outros, que resulta na sua exclusão de dados estatísticos oficiais (Zlotnik, 2003 apud Miranda, 2009).

De acordo com Morokvašić (1993 apud Albuquerque, 2005), no processo migratório, a importância das relações de poder se intensifica e essa intensificação é observada, especialmente, nas relações de gênero e de classe. Homens e mulheres são motivados e impactados de formas distintas no contexto migratório e é necessário, portanto, que os estudos teóricos e as metodologias de investigação considerem os impactos causados partir do cruzamento dos fatores gênero, classe, etnia, idade e orientação sexual nas vivências femininas (Albuquerque, 2005).

Mulheres e homens não apenas se engajam em migrações e mobilidade de forma diferente, induzindo impacto diferenciado naqueles que permanecem não-migrantes, mas seus movimentos são mais bem compreendidos à luz de feminilidades e masculinidades hegemônicas/contestadoras. Ao mesmo tempo, as identidades de gênero são elementos constitutivos de outras identidades, cruzando outras relações sociais de poder com as quais se cruzam (Morokvašić, 2014, p. 355).

Para analisar adequadamente as trajetórias de migrantes, deve-se considerar tanto eventos prévios à migração quanto as perspectivas e possibilidade futuras a ela (Abrantes, 2013). É imprescindível que a variável gênero seja adicionada às análises dos três diferentes estágios do processo migratório:

- Pré-migração: entendimento sobre as relações hierárquicas familiares e de gênero no país de origem, motivações que acarretam a tomada de decisão a favor da migração.
- Cruzamento da fronteira: identificação de políticas migratórias nos países de origem e destino, estratégias migratórias, estereótipos de papéis de gênero e potencial de entrada no mercado de trabalho.
- Pós-migração: análise sobre atuação profissional, relações familiares, uso de redes sociais (com destaque para relações de solidariedade que os migrantes constroem entre a sociedade de origem e de destino, inserção na sociedade e autonomia). (Boyd e Grieco, 2003).

A partir de 1970, é observado aumento expressivo dos fluxos migratórios femininos no contexto internacional, concomitante à transformação do perfil da mulher migrante. Ela deixa de ser simples acompanhante para assumir o papel de tomadora de decisão no processo migratório, passa a migrar sozinha, em busca de melhores salários e qualidade de vida (Assis, 2007).

Esse fenômeno de feminização das migrações iniciado na década de 1970 se apoia em três principais fatores: o estabelecimento da economia global, a emancipação das mulheres e a

insuficiência das políticas de bem-estar social de países desenvolvidos (Lutz & Palenga-Möllenbeck, 2011).

No cenário globalizado, é contínua a troca de fluxos de recursos entre as diversas economias nele inseridas. Os fluxos migratórios são a uma parte destes fluxos de recursos, pois correspondem à movimentação de mão de obra entre os países. À medida que, nos países desenvolvidos, se estabelecem direitos trabalhistas e benefícios conquistados pela classe trabalhadora, aumentam os custos da mão de obra local. Neste contexto, é intensificada a demanda por mão de obra imigrante de baixo custo, proveniente de países em desenvolvimento, em especial, para atuação em setores de menor prestígio, como manufatura e serviços. (Parreñas, 2001)

Concomitantemente, a intensificação da participação feminina no mercado de trabalho e a insuficiência das políticas de bem-estar social, acentuam essa demanda por de mão de obra. Isso porque não são criados serviços públicos voltados ao cuidado de crianças e idosos, nem legislações suficientes para viabilizar às mulheres a conciliação do trabalho dentro e fora de casa. Para contornar esta problemática, se intensifica o recrutamento de mão de obra imigrante, a custos reduzidos, para os setores de serviços domésticos e cuidados. (Lutz & Palenga-Möllenbeck, 2011)

A feminização das migrações acontece como um resultado da somatória dos fatores expostos acima e da notória segmentação dos mercados de trabalho por sexo e etnicidade/nacionalidade. O trabalho doméstico e de cuidar são percebidos como nichos laborais especificamente femininos e, portanto, os fluxos migratórios impulsionados para atender as demandas nestes setores são, principalmente, compostos por mulheres. (Padilla & Ortiz, 2012)

Adicionalmente, os Estados de ambos os países emissores e receptores também assumem parcela de responsabilidade pela intensificação destes movimentos migratórios. Por um lado, através de acordos políticos que regulamentam o recrutamento de mão de obra imigrante, criação de políticas favoráveis à mobilidade e flexibilização na concessão de vistos (Barañano & Marchetti, 2016). Por outro, fazendo “vista grossa” aos trabalhadores indocumentados que atuam nos setores de cuidado, como estratégia para evitar o colapso iminente do sistema. (Lutz & Palenga-Möllenbeck, 2011)

A migração por motivo de reunião familiar continua a ser o principal fator que leva as mulheres a se deslocarem, porém, é crescente o número de mulheres que assume o papel de protagonista no processo de mudança, migrando para trabalhar e tornando-se provedora familiar (Marinucci, 2007).

Algumas novas características assumidas pela migração contemporânea são relevantes ao entendimento da evolução dos movimentos migratórios femininos. A existência de conexões sociais, compostas por famílias, amigos e comunidades no país de destino, passa a ter grande peso no processo de tomada de decisão por migrar (Fusco, 2016). São muitos os riscos e incertezas envolvidos em migrações a longa distância, tais como finanças, sistema de saúde, qualidade de vida, segurança pessoal e convívio social. A existências de redes sociais no país de destino representa, neste aspecto, um grande estímulo à migração, pois minimiza os riscos (Sasaki & Assis, 2000), favorece a transmissão de informação prévia e posterior à migração, oferece maior segurança durante a tomada de decisão por migrar e representa apoio durante o processo de estabelecimento e integração no país de destino (Boyd, 1989).

Massey (1990) afirma que as redes migratórias compõem um conjunto de laços sociais que ligam comunidades de origem a específicos pontos de destino nas sociedades receptoras. Tais laços unem migrantes e não migrantes em uma complexa teia de papéis sociais complementares e relacionamentos interpessoais que são mantidos por um quadro informal de expectativas mútuas e comportamentos predeterminados. (Sasaki & Assis, 2000, p. 10).

Os avanços tecnológicos e a redução de custos nos sistemas de comunicação e transporte também assumem papel catalizador à intensificação dos processos migratórios contemporâneos. Estes não apenas tornam a travessia de longas distâncias mais acessíveis, como também viabilizam fluxo de informação mais rápido e eficaz, intensificando e facilitando o contato com familiares, amigos e conhecidos que já migraram e se fixaram no exterior (Assis, 2007).

Outra importante percepção quanto aos migrantes contemporâneos é que estes já não vivenciam ruptura permanente, de abandono da cultura de origem e necessidade de completa adequação e aculturação à sociedade do país receptor. Torna-se possível e frequente que sejam mantidas relações sociais, econômicas, religiosas e políticas com ambos os países de origem e destino e a existência destas relações, que superam fronteiras geográficas, culturais e políticas, dá origem ao termo “transmigrantes” (Sasaki & Assis, 2000).

No cenário contemporâneo, percebe-se a existência de maior conexão entre o local e o global e, em função das relações sociais estabelecidas entre as sociedades de origem e de destino, categorizar migrantes em temporários ou permanentes já não permite que seja analisada a complexidade dos fluxos migratórios. Os migrantes transnacionais mantêm estreitas relações com seus familiares, não fixam residência no país de destino, planejam voltar a viver em sua terra natal em algum momento de suas vidas e o fortalecimento das redes sociais no país de acolhida favorecem a criação de organizações informais e associações, voltadas ao apoio e acolhimento dos imigrantes (Sazaki & Assis, 2000).

1.2. Migração e Trabalho

O estudo da vertente laboral é fundamental para a análise dos processos migratórios. A inserção do imigrante no mercado de trabalho local é um fator decisivo para o sucesso de sua integração, pois a maneira como esse processo se desenvolve determina a sua inclusão ou exclusão social (Góis, Marques, Valadas, Leite & Nolasco, 2018).

Abordagem que se destaca sobre a relação entre os processos de migração e a inserção no mercado de trabalho é a teoria do mercado de trabalho segmentado de Michael Piore (1979, apud Abrantes 2013), que propõe a existências de dois segmentos principais no mercado de trabalho:

- Segmento primário: que oferece empregos estáveis, boas remunerações, possibilidades de ascensão profissional, proteção social e bom estatuto social. Composto, basicamente por nativos, pois apresenta obstáculos à entrada de imigrantes, os quais experimentam trajetórias de mobilidade descendente, conseqüentes de discriminações e dificuldades no reconhecimento de diplomas e de experiências profissionais adquiridos no país de origem.
- Segmento secundário: Composto por empregos com menor segurança contratual, baixas remunerações, escassas perspectivas de carreira, ausência de proteção social e baixo prestígio. Absorve maior parte da mão de obra imigrante, consideravelmente no mercado informal, em especial nos setores de serviços, como construção civil, serviços domésticos, assistência a crianças e idosos, saúde, hotelaria, comércio, indústria do sexo e prostituição (Peixoto, 2008; Abrantes, 2013).

Na prática, observa-se que a parcela de imigrantes que se direciona ao mercado primário e experimenta o processo migratório com maior prestígio é bastante restrita. Corresponde à mão de obra altamente qualificada, cujos percursos profissionais são privilegiados e que atuam em áreas específicas, complementando a escassez de profissionais nativos ou como migrantes “organizacionais”, funcionários de empresas multinacionais, que são transferidos para outros países por estratégia interna à organização (Peixoto, 2008; Abrantes, 2013).

Verifica-se maior concentração de imigrantes, pelo menos no momento inicial, no mercado secundário, desempenhando atividades rejeitadas pelos nativos (os quais disfrutam da proteção de sindicatos e legislações favoráveis, que encarecem o valor de sua mão de obra), motivados pelo vislumbre de melhores rendimentos e mobilidade futura, pois embora as remunerações e demais condições laborais sejam inferiores às do mercado primário no país de acolhida, ainda assim, costumam ser superiores às obtidas em seu país de origem (Peixoto, 2008).

Esse fenômeno é descrito por Parreñas (2001) como conceito de “mobilidade de classe contraditória”, que discorre sobre a coincidência das experiências de desqualificação social e da ascensão hierárquica econômica, em comparação às condições prévias à migração e às pessoas que se mantiveram no país de origem.

Boa parte dos imigrantes se sente obrigada a aceitar empregos inferiores à sua qualificação profissional, de baixo estatuto social e precariedade contratual, é exposta à informalidade e alvo de exploração laboral. Dentre as consequências observadas, destacam-se a sobrequalificação na distribuição ocupacional da população imigrante e, frequentemente, a reformulação estratégica a favor do empreendedorismo, como forma de contornar situações de discriminação, insatisfação, desvalorização pessoal e obstáculos à inserção no mercado de trabalho (Abrantes, 2013).

Entretanto, é válido ressaltar que, embora as condições laborais sejam desfavoráveis e as expectativas de ascensão nem sempre sejam atingidas, a motivação para o processo migratório e pode ser encontrada noutros aspectos como melhores serviços públicos (educação, saúde e segurança pública) e maior liberdade para as mulheres e pessoas homossexuais (idem).

Também quanto à inserção no mercado de trabalho observa-se a relevância da presença de redes pessoais e relações de confiança no país de acolhida, pois estas são, frequentemente,

responsáveis pelo sucesso na obtenção de empregos. Entretanto, observa-se ambiguidade em sua relevância, pois se, por outro lado, as redes sociais evocam proteção, por outro, em conjunto com a discriminação institucional, elas podem resultar em exclusão do imigrante e seu direcionamento a empregos temporários e de menor remuneração. Esta vulnerabilidade se intensifica em casos de imigrantes não documentados e se acentua, ainda mais, quando se trata de mulheres e minorias étnicas. (Abrantes, 2013; Sasaki & Assis, 2000).

Para que seja adicionada a variável gênero à análise laboral dos fluxos migratórios é de suma importância entender a divisão sexual do trabalho no país de destino. A maneira como o trabalho é dividido sexualmente se relaciona e interfere nos três estágios do processo migratório (pré-migração, cruzamento de fronteira e pós-migração), influenciando, inclusive a criação e implementação de políticas e regulamentações de imigração (Boyd, 1989).

No cenário de migrações contemporâneas, as mulheres detêm melhor nível educacional e de qualificação, sua atuação no mercado de trabalho torna-se significativa e contam com leis que favorecem migração, divórcio e visam corrigir discriminação de gênero. Entretanto, apesar das condições mais propícias deparam-se, nos países receptores, com mercados de trabalho segmentados por gênero, o que resulta na sua concentração em setores de serviços domésticos, assistência a crianças e idosos e na prostituição, em grande parte, no mercado informal, caracterizando enclaves étnicos de imigrantes (Assis, 2007).

Mulheres imigrantes se sentem forçadas a abandonar a profissão escolhida e carreira até então construída pela necessidade financeira e aceitam empregos abaixo de suas qualificações, (Padilla, 2007), sucedendo em desajuste entre o nível de qualificação e a atividade laboral exercida por mulheres imigrantes no país de destino (França & Padilla, 2018).

De acordo com padrões observados mundialmente quanto à divisão sexual do trabalho, o trabalho doméstico e de cuidado é desempenhado, em esmagadora maioria, por mulheres, e entre as mulheres há uma hierarquização, de acordo com qual mulheres não-nativas e não-brancas desempenham as tarefas mais árduas, de menor prestígio e menor remuneração (Parreñas, 2012). O cruzamento de estereótipos ligados a cor de pele, religião e nacionalidade resulta na construção de que determinadas mulheres são mais adequadas às tarefas domésticas em detrimento de outras (Anderson, 2000).

A crescente atuação feminina de classe média e alta no mercado de trabalho inviabiliza que estas mulheres sigam responsáveis, em sua totalidade, pelos cuidados de seus filhos e parentes deficientes ou idosos. Porém, as políticas de bem-estar social nos países desenvolvidos se mantêm sobre premissas ultrapassadas, não se ajustando de forma a absorver, suficientemente, a demanda crescente no setor de cuidados. Neste cenário, observa-se que trabalhadoras de classes mais privilegiadas e ativas profissionalmente, logram conciliar suas vidas profissionais e cuidados com a família através da contratação de outras mulheres para realização de tarefas domésticas e de cuidados (Lutz & Palenga-Möllenbeck, 2011; Abrantes, 2012) e constata-se que o recrutamento deixa de ser nacional para ser global, concentrando-se na mão de obra feminina imigrante e incentivando crescentes fluxos migratórios de mulheres para os países mais ricos (Peixoto, 2006).

A transferência do trabalho doméstico e de cuidado entre mulheres dá origem ao conceito de *care chain*, assinalando que as tarefas domésticas e de cuidado de mulheres nativas são assumidas por mulheres imigrantes no país receptor, ao passo que, no país de origem, outras mulheres assumem o trabalho destas que emigraram (Parreñas, 2012).

A partir deste conceito de “cadeias globais de cuidado”, torna-se evidente a importância que assumem as mulheres imigrantes em ambos os países de procedência e de acolhida. Por um lado, seguem, em grande parte, assumindo a responsabilidade financeira pelos familiares “deixados para trás”, aos quais enviam boa parte de seus rendimentos para garantia do sustento, contribuindo para economia do país emissor. Por outro, em função do contexto social deficitário nos países desenvolvidos, seu trabalho doméstico e de cuidados oferece impacto qualitativo e se faz fundamental para que o sistema não entre em colapso no país receptor (Lutz & Palenga-Möllenbeck, 2011; Peixoto, 2006).

Seu relevante contributo à economia nacional é, entretanto, subvalorizado, não estimulando a revisão das políticas migratórias, que se mantêm desfavoráveis ao seu recrutamento. Como consequência, observa-se alto nível de informalidade e condições inaceitáveis de trabalho às mulheres imigrantes (Lutz & Palenga-Möllenbeck, 2011), que também sofrem com a ausência de políticas salariais adequadas e altos níveis de interdependência pessoal com relação ao empregador (Bridget, 2000).

A concentração de mulheres imigrantes no setor de cuidados reforça os papéis tradicionais de gênero e a segregação ocupacional, resultando em maior discriminação, dificuldade de

conciliação da vida profissional e familiar, salários mais baixos e menos oportunidades (Loscoco & Robinson, 1991).

Ainda quanto ao trabalho de cuidar, alguns autores chegam a questionar a idoneidade e a conveniência dos programas de *Au-Pair*. Embora compreendidos como uma experiência de intercâmbio cultural, percebe-se que, cada vez mais, são utilizados como subterfúgio para legalização da transferência do trabalho de cuidado a mulheres imigrantes a custos reduzidos (Carnicier, 2019). O programa regulamenta que uma jovem (geralmente, entre 18 e 27 anos) obtenha visto em um país estrangeiro, com o propósito de aprender o idioma, residindo em casa de uma família, a qual auxilia algumas horas por semana com atividades domésticas e cuidados com as crianças, em troca de acomodação, comida, curso de idiomas e pequena contribuição financeira. Estas migrantes não são consideradas trabalhadoras ativas, não tem direito a qualquer seguridade social e são, frequentemente, expostas a excessivas horas de trabalho, assédio sexual e outras situações humilhantes (Anderson, 2000).

Não apenas na situação de *Au-Pairs*, mas no trabalho doméstico em geral, a condição gênero aumenta o risco de assédio e violência, potencializado no caso de mulheres imigrantes, as quais se encontram vulneráveis a violação de direitos fundamentais e sujeitas a diversos tipos de abuso. São listados como exemplos: maus tratos contratuais ou referentes ao pagamento de salário, violência verbal, física e sexual, trabalho forçado, obrigatoriedade de residir no trabalho, muitas vezes em acomodações inferiores às normas aceitáveis, sujeição à alimentação restrita, aprisionamento na casa dos patrões e até a morte (Miranda, 2009; Figueiredo, Suleman & Botelho, 2016).

É oportuno reforçar que as percepções públicas sobre a imigração e sobre as pessoas migrantes devem ser consideradas. Embora desempenhem um papel fundamental na economia, os migrantes são, por vezes, reduzidos a visões estereotipadas e preconceituosas, frequentemente reforçadas e difundidas pela mídia (França & Padilla, 2018).

Um exemplo é o caso de brasileiros em Portugal, acometidos pelo imaginário de que pessoas provenientes de ex-colônias sejam subalternas, inferiores e ignorantes. Mulheres brasileiras são ainda mais impactadas, pois sofrem, adicionalmente, com estereótipos resultantes da colonialidade racista e sexista. São hipersexualizadas e racializadas como corpos exóticos e sexualmente disponíveis (idem).

As percepções públicas se tornam ainda mais relevantes na atualidade, em função do crescimento das correntes de extrema-direita e do neofascismo por toda a União Europeia. Esta ascensão se reforça, especialmente, a partir de 2015, com a “crise da imigração” (Sousa, 2023). A chegada de fluxos de refugiados e a presença de populações migrantes são instrumentalizadas para alimentar o discurso de ódio racista e xenófobo, o qual intensifica a discriminação e origina inúmeras dificuldades.

1.3. Migração Brasil-Alemanha

O movimento de emigração brasileira é crescente desde a década de 1960. Nos últimos 10 anos, esse movimento se intensificou fortemente, e, segundo o Ministério das Relações Exteriores (MRE), chegou a atingir, neste intervalo, um aumento de 122%, o que caracteriza o maior êxodo de cidadãos brasileiros já registrado na história. Com base em dados coletados pelos consulados e embaixadas do Brasil no exterior em 2021, atualmente, são mais de 4,4 milhões de brasileiros residindo em outros países, o que corresponde a 2% da população (MRE).

O fluxo emigratório de brasileiros contemporâneo não sofreu mudanças apenas quanto sua intensidade, mas também quanto à sua direção e à sua natureza. Os países europeus subiram no ranking de principais países de destino e observou-se o incremento expressivo dos fluxos migratórios femininos (Assis & Siqueira, 2021).

A grande maioria dos brasileiros que deixam seu país natal continua direcionando-se à América do Norte (47%), especialmente, aos Estados Unidos da América (43%). O segundo maior destino é a Europa (31%), onde o principal país de acolhida é Portugal (6%) (MRE).

A Alemanha ocupa o 8º lugar entre as comunidades brasileiras no exterior, acolhendo, aproximadamente, cerca de 160 mil brasileiros (3%) (MRE). Mais adiante, no capítulo 4, serão analisados, em detalhe, os dados estatísticos disponibilizados pelas fontes oficiais na Alemanha.

Quanto ao perfil e às estratégias dos migrantes brasileiros, percebe-se que se assemelham muito nos fluxos mais recentes, independente do destino. Em especial, entre os que se direcionam a Portugal e aos demais países da Europa (Góis et al., 2009). Esta similaridade

de perfis e estratégias, aliada ao fato de que grande parte da literatura disponível sobre migração brasileira refere-se a Portugal, torna pertinente a abertura de parênteses para breve relato sobre as especificidades dos percursos migratórios brasileiros a este país, onde convencionou-se dividir o movimento migratório brasileiro contemporâneo em duas fases, denominadas “primeira e segunda vaga”.

Na chamada “primeira vaga”, entre final da década de 1970 e final da década 1990, observou-se um volume modesto e composto, basicamente, por profissionais qualificados, cujas atividades profissionais desenvolvidas correspondiam às suas qualificações (profissões intelectuais e científicas, como dentistas, informáticos e publicitários) (França & Padilla, 2018).

Entre os anos 2000 e 2012, período denominado de “segunda vaga”, é quando os imigrantes brasileiros passam a serem considerados um problema (Góis et al., 2009), frequentemente estereotipados e estigmatizados na mídia portuguesa, que enfatizou aumento da criminalidade, discursos racistas e sexualização da mulher brasileira. Nesta fase, decorre aumento significativo da quantidade total de brasileiros no país, com superação da participação feminina supera à masculina em 2003 e verifica-se notável mudança no perfil, com forte concentração em setores precários do mercado de trabalho: homens atuando como operários, serviços e comércio e mulheres em serviços domésticos, cuidados e estética. Esta transição deriva em desajuste entre o nível de qualificação disposto e o requerido às atividades desenvolvidas (França & Padilla, 2018), as quais, frequentemente, são de caráter repetitivo e não lhes permitem qualquer desenvolvimento pessoal ou ascensão profissional (Abrantes, 2013).

A partir de 2010, em função da crise em Portugal, houve redução da população brasileira e foram registrados consideráveis retornos ao Brasil. O volume volta a crescer apenas após 2016, quando a economia portuguesa se recupera, concomitante à crise política e aumento progressivo da violência urbana no Brasil. Alguns autores propõem que, neste momento, inicia-se a “terceira vaga”, caracterizada pelo aumento de estudantes universitários, investidores e aposentados. Entretanto, não há um consenso, visto que a concentração nos setores precários do mercado de trabalho se mantém (França & Padilla, 2018).

É válido ressaltar o importante papel dos desenvolvimentos políticos no Brasil e seus impactos sobre os fluxos migratórios. A partir do *impeachment* da presidente Dilma

Rousseff, no final de agosto de 2016, e a consequente instabilidade política que se instaurou no país, observou-se uma nova onda migratória de brasileiros qualificados, os quais passam a vivenciar um dilema: enquanto se esquivam da instabilidade política e de problemas de segurança urbana, enfrentam, enquanto migrantes, perda do status social e piores condições de trabalho no país de acolhida (Azevedo et al., 2022)

Com relação à motivação, observa-se que a existência de redes sociais assume papel fundamental. Assim como migrantes de outras nacionalidades, os brasileiros se apoiam em suas redes sociais com o objetivo de minimizar os riscos existentes nos processos migratórios de longa distância e se direcionam, predominantemente, às localidades que apresentam fortes vínculos com o país de origem, desprezando outros destinos possíveis. É importante, entretanto, salientar a ambiguidade no apoio em redes de contato: embora seja forte a presença de solidariedade, frequentemente também resultam em desentendimentos. Estes conflitos ocorrem, especialmente, quando migrantes, que se estabeleceram previamente, exploram seus conterrâneos recém-chegados, aproveitando-se da vulnerabilidade daqueles que ainda estão desprovidos de informação e recursos financeiros (Sasaki & Assis, 2000).

Igualmente, na Alemanha, se comprova que a existência de rede social, composta por família, amigos ou relacionamentos afetivos, intensifica a probabilidade do movimento migratório das mulheres brasileiras, sejam estes prévios à chegada ao país de acolhida ou relações construídas no próprio país receptor. Em muitos casos, o processo é, inclusive, viabilizado financeiramente através do envio de remessas de contatos (em especial familiares, como mães, irmãs, tias e primas) que imigraram anteriormente (Fürstenau, 2019).

Outras iniciam seu processo como turistas, convidadas por namorados nativos, por razões de reunificação familiar ou atraídas por oportunidades de trabalho temporário (p.ex.: relacionadas ao consumo multicultural) (Lidola, 2013) e identificam como aspectos positivos na Alemanha melhor qualidade de vida e maior segurança social (Stelzig-Willutzki, 2012).

Dentre as que decidem permanecer e legalizar sua estadia, percebe-se que a maior parte o faz através do casamento (Lidola, 2013), o que ratifica que a situação familiar da mulher exerce grande influência no seu processo de migração, sendo o casamento e a constituição da família, frequentemente, fatores determinantes na definição da trajetória e da estratégia migratória feminina (Pessar, 2000). Este fator é responsável pela determinação do perfil da

população brasileira na Alemanha, que poderia ser descrita como “fundamentalmente feminina, em constante crescimento, consolidada e segmentada do ponto de vista do gênero, sendo reservada às mulheres a maior fatia do mercado matrimonial e na constituição de famílias” (Feijó, 2021, p. 60).

Destaca-se que casamentos entre brasileiras e nativos intensifica o preconceito cruzado de sexo, raça, classe social e nacionalidade ao qual são expostas. Frequentemente, atribui-se às brasileiras uma relação com o comércio sexual e a suposição de que seus casamentos binacionais são estratégicos, com o propósito de ascensão socioeconômica, fazendo com que sintam urgência em inserir-se ao mercado de trabalho remunerado, como forma de se proteger contra a discriminação e alcançar sua dependência financeira (Lidola, 2013).

Ainda quanto a questão motivacional, observa-se, entretanto, uma particularidade na trajetória migrante brasileira à Alemanha. Enquanto em Portugal e outros países Europeus se percebe, predominantemente, índole econômica nos movimentos migratórios brasileiros (Góis et al, 2009), na Alemanha, embora grande parte das migrantes brasileiras não pertença às camadas socioeconômicas privilegiadas, nem sempre as motivações que as levam a imigrar são dificuldades financeiras ou experiência de vitimização (Lidola, 2013). Salienta-se, inclusive, que, na regra, as brasileiras mais pobres não tem acesso às informações ou recursos financeiros necessários ao processo migratório. Uma vez que o Brasil não faz fronteira com países ricos, as distâncias são longas e o deslocamento exige um mínimo de capital disponível para o investimento no transcurso, as brasileiras que logram migrar são mulheres com melhores níveis socioeconômico e de escolaridade (Stelzig-Willutzki, 2012).

Essa afirmação se ratifica, especialmente, a partir da instauração de forte instabilidade política no Brasil, a qual foi alavancada pelo afastamento forçado de Dilma Rousseff da presidência do país em 2016, pela eleição de Jair Bolsonaro, candidato de extrema direita, em 2018, e pela pandemia da Covid-19. Desde então, observou-se o surgimento de uma nova onda de migração de brasileiros, altamente qualificados, os quais não optaram por deixar o país por motivações de caráter financeiro, sexismo ou racismo, mas sim em função da insegurança política e outros problemas sociais, como a criminalidade. Este movimento migratório mais recente é denominado de migração *lifestyle*, que se refere a indivíduos pertencentes a classes socioeconômicas mais altas, os quais optam por mudar de país, em tempo parcial ou em definitivo, motivados pela oportunidade de melhor qualidade de vida,

ainda que sob a penalização de perda de status social, diminuição de renda e atuação profissional abaixo de suas qualificações (Azevedo et al., 2022).

Dentre as migrantes de baixa renda, percebe-se que são fortemente representadas por mulheres jovens (abaixo de 30 anos), cuja busca por ascendência educacional é uma motivação de grande relevância. Seu processo migratório costuma ser financiado através do trabalho de cuidado, que é percebido como transitório à almejada continuação dos estudos e que também viabiliza, comumente, remessas de dinheiro aos familiares no Brasil (Fürstenau, 2019).

As migrantes brasileiras – em contraste com as suas próprias biografias migratórias – são confrontadas por representações estereotipadas. Estas vão desde o pressuposto generalizado da vitimização, da atribuição da indústria e do tráfico de turismo sexual brasileiro até a exotização dentro do mercado de trabalho formal e informal alemão (Lidola, 2013).

O imaginário sobre as mulheres brasileiras, que persiste e se reproduz, é datado do período colonial e produto da construção que atribuiu ao homem branco a característica da civilização e lhe reservou a posição de dominação e poder, ao mesmo tempo que desumanizou mulheres nativas (índias) e escravas negras (brutalmente transportadas da África ao Brasil), consideradas animais selvagens com instintos sexuais incontroláveis. Esta subalternidade construída garantiu ao homem europeu, inclusive, o direito de violentá-las fisicamente e sexualmente, de acordo com seu desejo (Assis, 2021).

Portanto, as mulheres brasileiras têm que conviver e negociar com as representações e o imaginário sobre elas, marcados pela ideia de “sexualidade natural” – sempre disponível para o sexo, submissa, com atributos para o cuidado da casa, dos filhos ou de idosos. Essas imagens as colocam em um lugar desigual e inferiorizado em relação às mulheres locais e aos homens nos países de destino. (Assis & Siqueira, 2021, p. 3)

Embora a adição do eixo raça à equação intensifique ainda mais os desafios enfrentados por mulheres brasileiras, é importante ressaltar que para que sejam consideradas negras ou mestiças, elas não precisam, necessariamente de atender a estes requisitos. Sua nacionalidade, por si só, já lhes garante essa categorização e intensifica as noções de sexualidade construídas (Feijó, 2021).

Estes estereótipos continuam a ser explorados pelos canais de comunicação alemães, com anúncios publicitários ou programas de televisão, que frequentemente associam o Brasil à

carneval, festa, samba, malandragem, mulheres nuas ou seminuas e prostituição, contribuindo para a consolidação do imaginário a respeito da mulher brasileira (idem).

A respeito da inserção no mercado de trabalho de mulheres imigrantes, identifica-se que as discriminações são múltiplas, pois baseiam-se em diversos aspectos, como sexo, raça, etnicidade, orientação sexual, nacionalidade, religião e situação social. Através de testes situacionais, de discriminação e de correspondência, diversos estudos listados no relatório do Observatório das Migrações (Góis et al., 2018) comprovam que, no acesso ao mercado de trabalho, verifica-se tanto discriminação direta e explícita, como indireta e velada, que se faz presente através de comportamentos, atitudes, práticas e normas sociais ocultas afetando mulheres quanto a obtenção de emprego, oportunidades de promoção e diferenças salariais. (Peixoto, 2006).

Sobre o mercado de trabalho alemão, particularmente, Farrokhzad (2017) salienta que as barreiras à entrada enfrentadas pelas mulheres imigrantes não são apenas relacionadas às suas condições de vida e seus recursos, mas são, também, por diversas vezes, inerentes ao mercado de trabalho em si, que não está preparado para receber a diversidade e a superar os preconceitos enraizados.

Dentre os brasileiros com nível de escolaridade superior completo que estão desempregados no país 67,7% são mulheres (BAMF, 2020), sendo listadas como principais dificuldades enfrentadas são pelas imigrantes brasileiras no processo de inserção no mercado de trabalho alemão: (Lidola, 2013):

- Discriminação interseccional (sexo, raça e nacionalidade): baseada na imagem que Brasil oferece apenas lazer e diversão, que as mulheres brasileiras (particularmente as negras) estão à constante busca do prazer, não tem ética, são preguiçosas e possuem vocação especial às atividades domésticas e com cuidados.

Segundo a autora, dentre as brasileiras, também existe uma categorização, de acordo com a localização social no contexto brasileiro. Mulheres provenientes de regiões mais turísticas sofrem mais preconceitos que aquelas advindas de regiões industriais.

- Discriminação por parte do sistema: pressão por parte das agências de emprego estatais e dos empregadores para que as mulheres aceitem “o emprego que

conseguirem”, ignorando sua escolaridade, seus conhecimentos e experiências profissionais prévias à migração, forçando mulheres a se submeterem a empregos aquém de suas qualificações, em especial, trabalhos domésticos e com cuidados.

- Invalidação da educação do migrante: não-reconhecimento de diplomas estrangeiros, desqualificação da experiência profissional e primazia aos cidadãos alemães. Essas práticas também contribuem para que, mesmo as brasileiras altamente qualificadas, forçosamente experimentem trajetórias de mobilidade descendente, alocando-se no setor secundário, dominados por imigrantes, com altos níveis de informalidade, baixa segurança contratual, salários inferiores, sem possibilidades de promoções, restrita proteção social e baixo prestígio.

As estatísticas oficiais permitirão analisar, no capítulo 4, a dimensão de gênero no desemprego. Porém, importa ter em mente que os números, por si só, não são capazes de comprovar a existência de práticas discriminatórias. Não há uma descrição universal ao conceito de discriminação. Entende-se por discriminar, diferenciar, distinguir, tratar uma pessoa de forma negativa em função de uma característica específica e em função de um preconceito, que determina uma hierarquia (relação de superioridade-inferioridade) de determinados indivíduos ou grupos sobre outros, sem que exista qualquer justificativa para tal. Aquele que sofre a discriminação é prejudicado no contexto social, cultural, político e/ou econômico, podendo ter seus direitos como ser humano comprometidos e/ou ser excluído socialmente. Enquanto fenômeno social, entende-se que a discriminação produz injustiças, cria desvantagens, diferencia e exclui indivíduos no interior das relações sociais (Góis et al., 2018).

As discriminações contra imigrantes são construídas com base nas diferenças culturais entre pessoas de nacionalidades diferentes, que resultam em hierarquização e subordinação dos grupos minoritários, a partir de preconceitos que não legitimam a integração social negativamente diferenciada (Stelzig-Willutzki, 2012).

O viés otimista nos convida a nos focar no fato que, uma vez que essas discriminações não são legitimadas, é possível que sejam, através de ações da comunidade civil e de criação de políticas públicas de combate à discriminação, corrigidas, garantindo igualdade de oportunidades em todas as esferas onde as mulheres, imigrantes e outras minorias estão inseridas (Góis et al., 2018).

2. OBJETIVOS E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

O objetivo geral do presente trabalho é compreender em que medida o cruzamento dos eixos discriminatórios de sexo, raça e condição migratória intensificam as barreiras à inserção no mercado de trabalho alemão para as mulheres brasileiras qualificadas. Para este fim, a investigação concentra-se no caso de mulheres em idade ativa, que possuem experiência profissional prévia ao processo migratório e reside, na região de Wolfsburg, identificando dificuldades que se traduzem em frustrações e desistências, aceitação forçada de empregos abaixo da qualificação ou opção contrafeita pelo empreendedorismo.

Enquadrando-se no campo dos estudos feministas, de gênero e sobre as mulheres, a investigação mobiliza múltiplos conceitos e dimensões de análise que têm sido desenvolvidas neste campo, tais como desigualdades de gênero, étnicas e raciais, mão de obra feminina imigrante, divisão internacional do trabalho, hierarquização do trabalho reprodutivo e organizações genderizadas, entre outras.

O desenvolvimento deste trabalho ocorre em concordância com as referências bibliográficas, que evidenciam a intensificação das relações de gênero no processo migratório, em especial, no que cerne as experiências laborais. Em alinhamento com os contributos bibliográficos, são confrontados aspectos prévios à migração (qualificações e experiências adquiridas no país de origem), peculiaridades do processo de cruzamento de fronteiras (como estereótipos de papéis de gênero e potencial de entrada no mercado de trabalho e características pós-migração (relações sociais, inserção e autonomia na sociedade de acolhida).

Adicionalmente, este estudo se propõe a complementar a revisão de literatura efetuada, uma vez que esta permite constatar que ainda é escasso e disperso o conhecimento sobre as mulheres brasileiras na Alemanha. Em particular, no que cerne a análise de suas trajetórias laborais na Alemanha, assim como a comparação de suas experiências neste e em outros países de destino de migrantes brasileiras. Assim, esta investigação converte-se em um ponto de partida e, através da apresentação dos resultados empíricos obtidos, pretende-se contribuir para o corpo de conhecimento tanto nos campos dos estudos feministas, de gênero e sobre as mulheres, como de estudos migratórios.

Os objetivos específicos consistem em:

- Recolher informações sobre mulheres brasileiras ativas profissionalmente na região de Wolfsburg e perceber sua experiência de inserção no mercado de trabalho.
- Avaliar a natureza das dificuldades enfrentadas para adentrar o mercado de trabalho.
- Entender qual o peso de aspectos de caráter discriminatório direto ou indireto dentre as dificuldades identificadas.
- Compreender a situação profissional destas mulheres, considerando-se aspectos como nível de escolaridade, experiências prévias à migração, atuação (ou não) no mercado de trabalho, o tipo de atividade remunerada exercida e a compatibilidade entre o tipo de atividade e o nível de qualificação profissional.
- Estimar a porcentagem das mulheres profissionalmente ativas que atuam como empreendedoras e compreender os motivos que as levaram a essa escolha.

Refletindo a revisão de literatura que sintetizámos no capítulo anterior, as questões de investigação que conduzem este trabalho são:

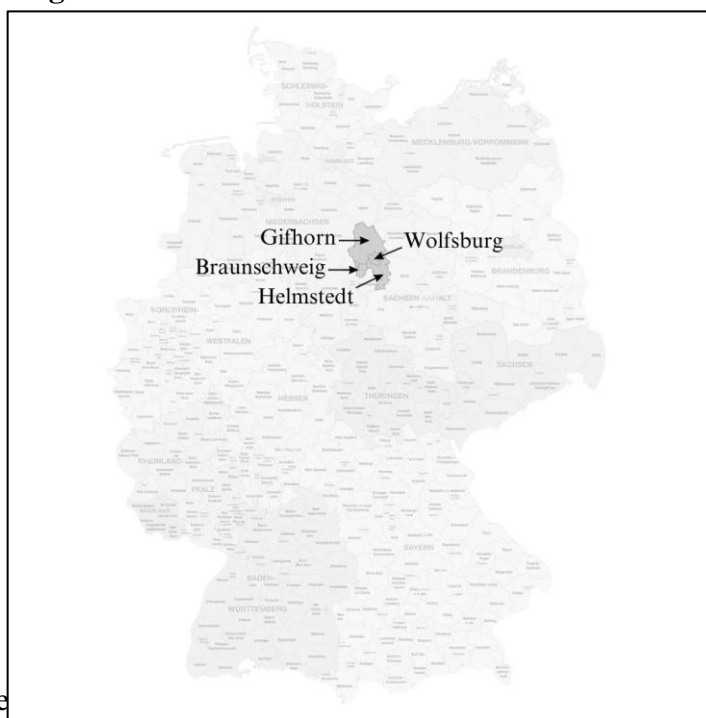
- Quais as dificuldades laborais encontradas pelas migrantes brasileiras na Alemanha? Questões discriminatórias? Falta de qualificação? Integração insuficiente (falta de domínio do idioma e padrões culturais, como comportamento durante o processo seletivo e/ou no ambiente de trabalho)?
- As brasileiras percebem preconceito com relação à educação obtida no exterior? Enfrentam dificuldades em obter reconhecimento de suas qualificações e experiências profissionais prévias à migração? A que motivos atribuem esse preconceito e que estratégias mobilizam para tentar superá-lo?
- Conseguem exercer, na Alemanha, profissões que são adequadas à sua qualificação profissional obtida no Brasil ou apenas conseguem trabalhos menos qualificados, como serviços domésticos, cuidados de crianças e idosos ou atendentes em estabelecimentos comerciais?
- Aquelas que optam por empreender fazem-no por escolha própria ou em função da impossibilidade de exercer sua profissão no país de destino? Que desafios enfrentam nesses projetos de empreendimento e quais as possibilidades que os mesmos comportam (realização pessoal, aumento de rendimentos ou outras)?

Com base na investigação dos fatores acima referidos, espera-se apreender as realidades diversas existentes na sociedade local, detectar as desigualdades e identificar como as

mulheres brasileiras imigrantes podem agir de forma a minimizar suas dificuldades, superar discriminações de gênero interseccionais e conquistar os seus objetivos profissionais.

Para fins de esclarecimento, entende-se por região de Wolfsburg a área que se estende pelos municípios de Wolfsburg, Braunschweig, Gifhorn e Helmstedt. A escolha desta região para realização desta investigação se deu em função de sua relevância econômica para o país, uma vez que representa a maior renda bruta per capita do país desde 2010 (com exceção, apenas, para o ano de 2015). Também foram fatores determinantes à seleção a menor complexidade e maior viabilidade econômica (menores custos despendidos durante a pesquisa), em especial, na recolha de dados primários (realização de entrevistas estruturadas presenciais), uma vez que se trata da região de minha morada.

Região de Wolfsburg na Alemanha



Fonte: Imagem de

3. METODOLOGIA

Considerando-se que a temática está diretamente associada ao comportamento humano, para produzir conhecimento mais adequado é necessário o entendimento de experiências, ações, situações e consequências. Por conseguinte, a pesquisa foi desenvolvida sob a ótica do pragmatismo, utilizando-se uma combinação de métodos quantitativos e qualitativos, e aplicando o método de triangulação, que consiste em recolher e analisar dados de diversas fontes e perspectivas, a fim de obter melhor compreensão dos fatos e ampliar a confiabilidade dos resultados do estudo (Aires, 2015; Carmo & Ferreira, 2008; Saunders, Lewis & Thornhill, 2009).

Foram administradas análises fenomenológicas positivista dedutiva (entendimento dos fenômenos sociais a partir de generalizações), interpretativa indutiva (análise de casos específicos para entendimento da regra geral) e realista (entendimento dos fenômenos sociais a partir da perspectiva e emoções dos observados) (Saunders et al., 2009).

A recolha de dados primários foi feita em duas etapas:

1. Inicialmente, utilizou-se de recolha de dados através de questionários on-line, em forma de formulário eletrônico (GoogleForms), em função dos benefícios apresentados por este tipo de ferramenta, como a alta taxa de adesão dos entrevistados (praticidade do preenchimento e confidencialidade), obtenção de respostas mais naturais, espontâneas e honestas (interação impessoal) (Pinheiro e Silva, 2004) e facilidade de compilação de dados oferecida pela ferramenta.

O link para preenchimento foi disponibilizado a mulheres brasileiras, cientes e dispostas a participar deste projeto, com idade entre 25 e 55 anos, com nível de escolaridade superior completo, que exerciam atividade profissional antes de se mudarem para a região de Wolfsburg na Alemanha, que exercem atividade remunerada ou que estejam em processo de recolocação profissional.

O acesso a essas mulheres foi viabilizado através da associação sem fins lucrativos, Aquarela Frauengruppe e.V.², que se dedica a projetos de integração, bem-estar e herança cultural de mulheres imigrantes em Wolfsburg e região. Embora a instituição

² <https://pt.aquarelafrauengruppe.org/>

não seja formada, exclusivamente, por brasileiras, a maior parte de suas associadas (aprox. 85%³ do total) é originária do Brasil.

Também foram consultadas participantes do Núcleo Wolfsburg do Grupo Mulheres do Brasil⁴. O Grupo Mulheres do Brasil é uma ONG brasileira, que conta com mais de 120.000 mulheres cadastradas ao redor do mundo. No Brasil, o Grupo tem como propósito fomentar a adoção de políticas afirmativas e eliminar as desigualdades de gênero, raça e condição social. Na Alemanha, a iniciativa conta com núcleos espalhados em 5 diferentes cidades (Berlim, Frankfurt, Munique, Düsseldorf e Wolfsburg), os quais se promovem, essencialmente, atividades relacionadas à inclusão social e ao acolhimento de mulheres brasileiras no país. Por não ser uma instituição formalizada na Alemanha, não há precisão quanto ao número de participantes de cada um dos núcleos.

Ambas as instituições são parceiras, promovem ações conjuntas, valorizam a diversidade e trabalham, ativamente, de forma a atrair mulheres de diferentes classes sociais, nível de escolaridade, origens raciais e étnicas, religiões etc. Desta forma, entende-se que a qualidade da amostragem é bastante variada e abrangente.

O primeiro contato - envio de convite para participação voluntária nesta pesquisa, contendo o link para preenchimento de questionário on-line - se deu através de um grupo de Whatsapp, que é administrado, conjuntamente, por estas instituições. O objetivo deste grupo é a divulgação de informações e a promoção de ajuda mútua entre suas participantes, que são aproximadamente 220 mulheres brasileiras.⁵

A principal dificuldade encontrada foi que, deste grupo, não participam apenas mulheres cujo perfil esta pesquisa se propõe a analisar e, portanto, houve necessidade de realização de triagem prévia. Foi recebido um total de 74 respostas, entre as quais 9 foram desconsideradas, pois as mulheres que responderam não atendem a algum dos critérios estipulados para a determinação da amostragem, em especial, porque não residem em nenhuma das 4 cidades consideradas como “região de Wolfsburg” nesta pesquisa (Wolfsburg, Braunschweig, Gifhorn e Helmstedt).

³ Em 08.01.2024

⁴ <https://www.grupomulheresdobrasil.org.br/>

⁵ Em 08.01.2024

O questionário dispõe de questões sobre o perfil e as vivências de mulheres a que este estudo se dedica, além dos campos com dados de contato, de preenchimento opcional, apenas àquelas que se disponibilizaram a participar de entrevista presencial. As perguntas foram elaboradas com o intuito de identificar o perfil da mulher brasileira residente na região de Wolfsburg, com enfoque nas suas características ocupacionais.

2. Dentre as 65 respostas, 54 se mostraram dispostas a conceder uma entrevista estruturada e 11 foram entrevistadas de fato. As entrevistas individuais foram realizadas, entre 5 de junho e 3 de julho de 2023, com duração média de 45 minutos, preferencialmente num ambiente habitual da entrevistada (residência) ou local público determinado por ela, buscando gerar aproximação da vida cotidiana dos observados e, a partir do contato direto, obter-se melhor entendimento de suas experiências e do seu estilo de vida, possibilitando ao pesquisador adicionar suas percepções e interpretações ao estudo (Carmo & Ferreira, 2008).

As entrevistas foram aplicadas apenas a uma amostragem não probabilística, intencional (seleção dos casos orientada pelo objetivo da pesquisa) e por conveniência (seleção dos casos orientada pela facilidade de acesso às pessoas), definida considerando o critério da saturação teórica. Este critério consiste em suspender entrevistas a novos participantes, quando o pesquisador identifica que os dados obtidos apresentam redundância ou repetição, fazendo com que não seja considerada produtiva a continuação da coleta de dados (Falqueto, Hoffman & Farias, 2018).

As conversas foram gravadas, com ciência e consentimento das entrevistadas. O objetivo das gravações foi tornar possível a transcrição na íntegra de cada uma das entrevistas, proporcionando a análise mais detalhada e evitando que trechos e informações fossem esquecidos ou ignorados.

Após a transcrição, foram realizadas análises por categorias temáticas, considerando três grandes aspectos:

1. Motivação à migração: Natureza das motivações, primeiras experiências, impacto direto da motivação sobre a integração no país de acolhida e inserção no mercado de trabalho;

2. Aspectos do processo de integração: Dificuldades, discriminações, convívio social, ganhos e perdas do processo migratório, expectativas vs. realidade, arrependimentos e intenção de retorno ao Brasil.
3. Experiências laborais: Desafios enfrentados quanto à inserção no mercado de trabalho, progressos (ou retrocessos) na carreira profissional, convívio com colegas de trabalho, necessidade de mudança na área de atuação e realização profissional.

Ao eleger as entrevistadas, buscou-se a maior diversidade possível, considerando mulheres de diferentes idades, áreas de atuação, grau de inserção, tempo de migração, constituição familiar e características étnico-raciais. Através desta diversificação, procurou-se investigar a existência de cruzamentos de eixos discriminatórios no processo de inserção no mercado laboral, como condição de imigrante, gênero, classe social, origem racial e étnica, estado civil e maternidade.

Foram atribuídos nomes fictícios às entrevistadas, para a manutenção da confidencialidade e também com o intuito de facilitar compreensão da leitura. Todas são de nacionalidade brasileira, residentes na região de Wolfsburg, com nível superior completo adquirido em instituição de ensino brasileira, experiência profissional no Brasil e com idade entre 30 e 55 anos (Média: 32; Desvio Padrão = 7), sendo seis são originárias do Estado de São Paulo, duas do Paraná, duas de Santa Catarina e uma do Rio Grande do Sul.

Quanto ao estado civil, coincidentemente, todas são casadas. Uma delas não tem filhos, duas têm filhos em idade adulta e as demais têm filhos em idade entre 4 e 15 anos.

No que se refere a qualificação e atuação profissional, observa-se a seguinte distribuição:

Quadro 1: Perfil das Entrevistadas

Nome fictício	Área de Atuação	Anos de Experiência no Brasil	Realizando Atividade Remunerada	Atuando na Área de Qualificação
Cristiane	Adm. de Empresas com Ênfase em Comércio Exterior	14	Sim	Não
Daniela	Adm. de Empresas	15	Sim	Não
Renata	Bacharel em Moda	6	Sim	Não
Luciana	Contabilidade	14	Sim	Sim
Fabiana	Direito	10	Não	-
Adriana	Enfermagem	7	Não	-
Vanessa	Eng. Civil, com Mestrado e Doutorado	14	Sim	Sim
Carolina	Eng. Química	1	Não	-
Sandra	Eng. Ambiental	10	Sim	Não
Viviane	Farmácia E Bioquímica	1	Sim	Não
Fernanda	Pedagogia com Mestrado em Psicopedagogia	10	Sim	Sim

Com o propósito de complementar as análises qualitativas, realizou-se levantamento e análise de dados secundários (estatísticas) fornecidos por órgãos públicos alemães, tais como:

- DESTATIS
- *Statistische Ämter des Bundes und der Länder* (Órgãos Públicos de Estatística da Federação e das Províncias)
- *Stadt Wolfsburg* e *Stadt Braunschweig* (Prefeituras das cidades de Wolfsburg e Braunschweig)
- *Bundesagentur für Arbeit* (Agência Oficial de Empregos)

A complementação dos dados coletados e estudados, permite o contorno de limitações metodológicas de cada um dos métodos quantitativo e qualitativo, assim como a obtenção de informações mais abrangentes a respeito da questão investigada, que permitem resultados mais completos e satisfatórios.

No que concerne as limitações encontradas durante a coleta de dados, sobressaem-se:

1. Limitações dos dados quantitativos oficiais para captar o dimensionamento real da população brasileira na Alemanha:

As estatísticas oficiais não contemplam imigrantes com múltiplas nacionalidades ou que não possuem permissão de residência, duas situações que são comuns a muitos brasileiros residentes no país.

Pelo fato de a legislação brasileira permitir, em determinadas situações, a múltipla nacionalidade, cidadãos europeus-brasileiros são contabilizados apenas como europeus.

Para contornar esta limitação, foram consultadas, diretamente, as prefeituras de cada uma das cidades da região, sobre a possibilidade de disponibilização de dados sobre a população com nacionalidade brasileira única ou dupla. Para os municípios de Wolfsburg e Braunschweig foi possível obter maior detalhamento.

Tampouco foi possível levantar dados oficiais sobre o nível de desemprego de brasileiras em Wolfsburg e região, pois a forma de acompanhamento da *Bundesagentur für Arbeit* não contempla o nível de detalhamento que esta pesquisa demanda. Neste caso, optou-se por mencionar as estatísticas oficiais por província e analisar, mais detalhadamente, os dados obtidos através dos questionários online respondidos.

2. Susceptibilidade da análise qualitativa aos vieses de interpretação das próprias entrevistadas (subjetividades):

Diversos são os fatores subjetivos, psicológicos e emocionais que influenciam as leituras dos seres humanos sobre cada uma das situações. Um exemplo de fácil percepção, é que quanto maior o desejo prévio por migrar das entrevistadas, mais favoráveis as respostas se tornam.

Para minimizar subjetividades, empenhou-se fazer perguntas bem objetivas em durante as entrevistas estruturadas. Quando percebida ambiguidade, buscou-se elucidar a questão, explicando o que a pergunta pretendia identificar.

3. Inconsistências entre as respostas obtidas no questionário e o conhecimento prévio sobre as pessoas:

Em função de minha atuação direta nas organizações Aquarela Frauengruppe e.V. e Núcleo Wolfsburg do Grupo Mulheres do Brasil, conheço, pessoalmente, boa parte

das mulheres que se voluntariaram a participar da pesquisa, permitindo que fosse possível identificar algumas inconsistências nas respostas obtidas.

A principal incoerência foi que apenas 2 assinalaram que optaram por trabalhar por conta própria ou abrir próprio negócio, embora eu saiba que, ainda que na informalidade, este número é muito maior.

Da mesma forma, embora seja de meu conhecimento que algumas seguem prestando serviços à distância a clientes no Brasil, nenhuma assinalou esta resposta.

Tendo em conta os números de ocorrências, as conclusões da análise estatística não são afetadas. Sem embargo, o fato de conhecer o contexto de antemão se traduz em uma vantagem, pois permite que tais incongruências, que em outros casos passariam despercebidas, possam ser detectadas e consideradas corretamente.

Um aspecto a ser considerado que oferece, concomitantemente, vantagens e riscos é que existem implicações em se realizar uma pesquisa qualitativa a respeito de um tema, quando eu mesma, a pesquisadora, me identifico com o público e situação analisados: sou uma mulher migrante, brasileira, com nível de escolaridade universitário e experiência profissional adquiridos no Brasil, vivendo na Alemanha e buscando me inserir no mercado de trabalho formal.

França (2023) apresenta essa situação, referindo a questão da “reação emocional recíproca” e discorrendo sobre como as emoções afetam pesquisadores em campo e como os confrontos emocionais despertam percepções a respeito das pessoas. A autora desenvolve sobre como o afeto (positivo e negativo) irradia entre os indivíduos durante uma interação e menciona que as emoções são capazes de moldar como e o que sentimos em uma determinada situação.

Assim como a autora, considero que a reflexividade foi importante ao desenvolvimento de meu trabalho, uma vez que ampliou minha compreensão sobre o conhecimento que estava sendo produzido.

A reflexividade é um pilar ético fundamental no processo de produção de conhecimento. Ao adotar um ponto de vista reflexivo, eu estava constantemente examinando como os elementos da minha biografia, da minha posição feminista, do meu envolvimento anticolonial e dos meus privilégios invadiriam os encontros emocionais que eu estava desenvolvendo no campo. (França, 2023, pp. 367)

O fato de eu ter conhecimento sobre o conceito da “reação emocional recíproca” fez com que eu redobrasse o cuidado para evitar que minhas percepções pessoais afetassem minha

análise dos dados, especialmente, quando foram expostas discordâncias e assimetrias entre as entrevistadas e meu ponto de vista.

É importante salientar que, para construção de relação transparente entre investigador e os observados, as entrevistadas são informadas previamente sobre o objetivo da pesquisa, estão conscientes sobre a investigação e assinam termo confirmando seu consentimento em colaborar com o projeto. Os dados são trabalhados com confidencialidade e são consideradas e respeitadas em sua integridade, a rígida legislação de proteção de dados alemã, assim como as regras éticas e deontológicas durante a realização deste projeto.

A pesquisa se produz de forma profissional, honesta e íntegra, levando em conta a “responsabilidade e legitimidade na produção e disseminação de conhecimento” (Ferreira, 2013 p. 175), visando conscientização sobre a problemática e produção de melhoria na condição de vida das pessoas afetadas (Ferreira, 2013).

4. DADOS SECUNDÁRIOS

Os dados secundários analisados se dividem em três grupos: números oficiais da população residente na Alemanha; números relativos à região; e, mais especificamente, sobre as mulheres brasileiras na região.

Os números mostram a crescente participação da totalidade da população estrangeira no país e indicam que o crescimento da população brasileira acompanha essa tendência. Também revelam a predominância da participação feminina dentre os brasileiros residentes no país e comprovam os altos níveis de desemprego de mulheres brasileiras no país.

4.1. Sobre a Alemanha

Segundo as estatísticas oficiais da Alemanha, a população total residente neste país, em 2022, era de aproximadamente 84,4 milhões (Quadro 2). A proporção de pessoas estrangeiras situava-se então nos 17%, tendo registado um aumento considerável desde 2012, quando se situava nos 9%.

Quadro 2: População na Alemanha por Sexo

Ano	Alemã			Estrangeira			
	Masculina	Feminina	Total	Masculina	Feminina	Total	%
2012	36.017.528	37.862.519	73.880.047	3.363.448	3.280.251	6.643.699	9%
2013	35.981.865	37.770.362	73.752.227	3.575.058	3.440.178	7.015.236	10%
2014	35.955.242	37.702.521	73.657.763	3.880.215	3.659.559	7.539.774	10%
2015	35.909.978	37.613.748	73.523.726	4.604.145	4.047.813	8.651.958	12%
2016	35.787.654	37.514.010	73.301.664	4.909.464	4.310.525	9.219.989	13%
2017	35.696.445	37.417.038	73.113.483	5.147.120	4.531.748	9.678.868	13%
2018	35.612.690	37.317.231	72.929.921	5.354.001	4.735.291	10.089.292	14%
2019	35.540.674	37.228.015	72.768.689	5.496.939	4.901.083	10.398.022	14%
2020	35.449.739	37.120.239	72.569.978	5.576.780	5.008.273	10.585.053	15%
2021	35.344.785	36.999.286	72.344.071	5.722.000	5.171.053	10.893.053	15%
2022	35.205.743	36.828.907	72.034.650	6.353.309	5.970.886	12.324.195	17%

Fonte: DESTATIS (<https://www-genesis.destatis.de>)

Relativamente à população com nacionalidade brasileira a residir na Alemanha (Quadro 3), observa-se que, ainda que pouco representativa em relação ao total da população, esta praticamente dobrou sua participação em termos percentuais.

Quadro 3: População Brasileira na Alemanha por Sexo

Ano	Masculina	Feminina	Total	%
2012	9.018	22.497	31.515	0,04%
2013	10.069	22.921	32.990	0,04%
2014	11.513	23.843	35.356	0,05%
2015	11.739	24.244	35.983	0,05%
2016	11.836	25.102	36.938	0,05%
2017	13.518	26.998	40.516	0,06%
2018	15.484	29.022	44.506	0,06%
2019	17.287	30.922	48.209	0,07%
2020	17.456	31.242	48.698	0,07%
2021	18.291	32.360	50.651	0,07%
2022	20.511	34.958	55.469	0,08%

Fonte: DESTATIS (<https://www-genesis.destatis.de>)

Uma das limitações encontradas é a incongruência entre a estatística oficial da DESTATIS e o número estimado pelo MRE, o qual atinge 55 mil em 2022. Entretanto, é relevante ressaltar que as estatísticas alemãs oficiais não são precisas quanto ao número de brasileiros residentes no país. Além de não contemplarem os brasileiros indocumentados (aqueles que não possuem permissão de residência), tampouco consideram brasileiros que possuem outra cidadania europeia (direito por descendência) ou que se naturalizaram alemães. Em função de a legislação brasileira permitir, em determinadas situações, a múltipla nacionalidade, aqueles que a detém passam a ser contabilizados como cidadãos europeus (Feijó, 2021).

Especificamente quanto à Alemanha, segundo relatório de migração BAMF, o Brasil ocupa a terceira posição de país com maior participação feminina no total de imigrantes recebidos, ficando atrás apenas do Canadá e do Japão. Dentre a comunidade brasileira no país, 64,3% são mulheres (BAMF, 2020).

Entretanto, embora quantitativamente a participação feminina da população brasileira na Alemanha seja relevante, isso não assegura às mulheres brasileiras as mesmas oportunidades oferecidas aos homens brasileiros, especialmente quando comparadas as atividades exercidas no país (Feijó, 2021).

Através de estatísticas oficiais sobre o desemprego, percebe-se a presença da “questão de gênero” na população brasileira residente na Alemanha.

O desemprego se distribui de forma igualitária entre homens e mulheres na totalidade da população estrangeira. Dentre alemães, percebe-se, inclusive, que desde 2012 a quantidade de mulheres desempregadas é inferior a de homens desempregados por todos os anos consecutivos até 2022.

Já dentre a comunidade brasileira, embora a participação feminina esteja decaindo ao longo dos anos, ela é sempre muito superior à masculina, variando entre 82% e 72%.

Quadro 4: População brasileira e população estrangeira desempregada, por sexo, 2012 - 2022

Ano	Estrangeiros			Brasileiros		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
2012	478.189	245.898	232.292	1.619	292	1.326
2013	508.517	263.630	244.888	1.718	335	1.383
2014	533.660	275.442	258.218	1.780	378	1.402
2015	568.242	296.426	271.816	1.764	376	1.388
2016	635.026	349.764	285.258	1.697	406	1.291
2017	661.792	366.378	295.410	1.653	389	1.264
2018	632.297	349.453	282.842	1.634	384	1.250
2019	643.034	355.611	287.420	1.651	411	1.240
2020	804.608	449.062	355.541	2.236	630	1.606
2021	791.591	425.898	365.689	2.203	617	1.586
2022	816.794	404.842	411.949	1.828	512	1.317

Fonte: Statistik der Bundesagentur für Arbeit

Quadro 5: População alemã e população total desempregada, 2012 - 2022

Ano	Total			Alemã		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
2012	2.897.126	1.550.400	1.346.726	2.418.881	1.304.478	1.114.403
2013	2.950.338	1.597.105	1.353.232	2.441.465	1.333.355	1.108.110
2014	2.898.388	1.565.074	1.333.314	2.364.655	1.289.594	1.075.061
2015	2.794.664	1.517.211	1.277.452	2.226.377	1.220.761	1.005.615
2016	2.690.975	1.482.720	1.208.251	2.055.908	1.132.931	922.977
2017	2.532.837	1.398.108	1.134.724	1.870.996	1.031.698	839.297
2018	2.340.082	1.292.123	1.047.957	1.707.741	942.640	765.100
2019	2.266.720	1.262.887	1.003.830	1.623.654	907.255	716.398
2020	2.695.444	1.520.596	1.174.838	1.890.814	1.071.523	819.287
2021	2.613.489	1.454.544	1.158.934	1.821.883	1.028.639	793.237
2022	2.418.133	1.312.584	1.105.541	1.601.331	907.739	693.588

Fonte: Statistik der Bundesagentur für Arbeit

4.2. Sobre Wolfsburg e região

Wolfsburg é uma cidade situada no norte da Alemanha, na província de Baixa-Saxônia. É uma das cidades mais jovens do país. Foi fundada, em 1938, com o propósito de sediar a fábrica de automóveis criada pelo governo nazista de Adolf Hitler, então chamada “*Gesellschaft zur Vorbereitung des Deutschen Volkswagens mbH*”, e seus trabalhadores.

Atualmente, dispõe de aproximadamente 125 mil habitantes e, em função da presença da gigante automobilística Volkswagen, seus fornecedores e empresas prestadoras de serviço, estima-se que cerca de 76 mil pessoas se desloquem diariamente para Wolfsburg para trabalhar (Stadt Wolfsburg, 2022).

Apesar de seu tamanho reduzido, é a cidade com maior renda bruta per capita do país desde 2010, com exceção apenas para o ano de 2015, quando ficou em 2º lugar, atrás de Ingolstadt (Statistische Ämter des Bundes und der Länder, 2022).

Seu marcante histórico de imigração, centrado na mão de obra estrangeira para atender à demanda da indústria automotiva, remonta ao início dos anos 1960. Em 1962, recebeu os primeiros “*Gastarbeiter*” – trabalhadores convidados através de contrato firmado entre a

Alemanha e outros países – provenientes da Itália, os quais foram seguidos por espanhóis, gregos, turcos, marroquinos, portugueses, tunisianos e iugoslavos (Stadt Wolfsburg, 2019). Embora não haja mais contratos deste tipo em vigência, a região, que se estende pelas cidades vizinhas de Braunschweig, Gifhorn e Helmstedt, segue muito atrativa a imigrantes das mais diversas nacionalidades e diferentes níveis de qualificação, motivados por boas oportunidades de trabalho. A população estrangeira atual na região é de aproximadamente 75 mil habitantes, representando 12% da população total.

Quadro 6: População total e estrangeira* em Wolfsburg e Região

	Wolfsburg ¹	Braunschweig ²	Gifhorn ³	Helmstedt ³
População total	125.087	250.889	180.232	92.470
Estrangeiros	20.526	30.098	16.085	8.795
%	16%	12%	9%	10%

Fontes: ¹Stadt Wolfsburg (2022), ²Stadt Braunschweig (2022), ³DESTATIS

Assim como às demais nacionalidades, a região também se tem revelado atrativa para imigrantes brasileiros. De acordo com as estatísticas oficiais, atualmente, cerca de 600 brasileiros se encontram registrados como residentes nas cidades de Wolfsburg, Braunschweig, Gifhorn e Helmstedt.

Quadro 7: População Brasileira em Wolfsburg e Região em 2022
(*Pessoas com nacionalidade única).

Wolfsburg	Braunschweig	Gifhorn	Helmstedt	Total
255	235	75	25	590

Fontes: ¹Stadt Wolfsburg (2022), ²Stadt Braunschweig (2022), ³DESTATIS

Uma observação pertinente é que, em função da divisão sexual do trabalho, a indústria automobilística segue sendo um setor predominantemente masculino e, por consequência, a maior parte da população estrangeira que migra para a região atraída por oportunidade de

trabalho é do sexo masculino. Dentre as mulheres, a grande maioria o faz por motivos de reunião familiar.

4.3. Mulheres Brasileiras em Wolfsburg e Região

De acordo com o banco de dados da DESTATIS, residem, atualmente, 355 mulheres brasileiras em Wolfsburg e na região circundante.

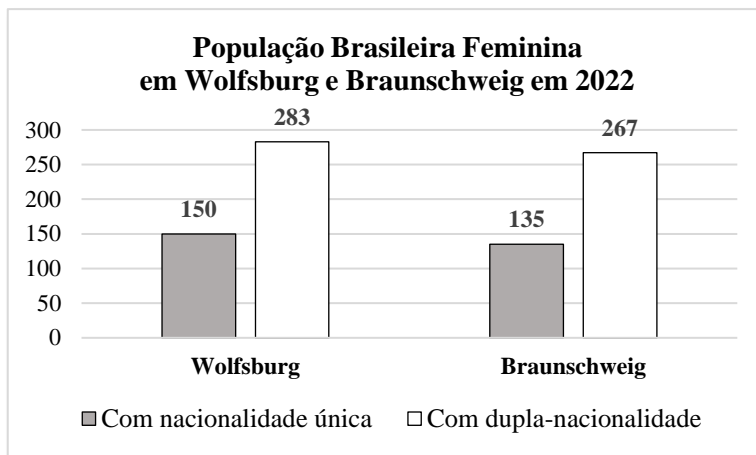
Quadro 8: População Brasileira Feminina em Wolfsburg e Região em 2022
(*Pessoas com nacionalidade única).

	Wolfsburg	Braunschweig	Gifhorn	Helmstedt	Total
Feminina	150	135	50	20	355

Contudo, como a legislação brasileira permite que seus cidadãos mantenham múltiplas nacionalidades, em função das facilidades com relação ao visto de permanência e demais direitos civis e sociais, os imigrantes brasileiros que possuem múltiplas nacionalidades costumam registrar-se junto aos órgãos governamentais exclusivamente com sua nacionalidade europeia, fazendo com sejam excluídos das estatísticas comuns.

As cidades de Wolfsburg e Braunschweig, que são as mais representativas da região, disponibilizam estatísticas mais detalhadas. Na tabela abaixo, constam também aqueles que, além da cidadania brasileira, uma ou mais nacionalidade adicional e torna-se evidente que o número total nestas duas cidades é, praticamente, duplicado.

Gráfico 1: População Brasileira Feminina em Wolfsburg e Braunschweig em 2022



Fonte: Departamento de Estatísticas das cidades de Wolfsburg e Braunschweig

Quadro 9: População Brasileira residentes em Wolfsburg e Braunschweig em 2022

	Wolfsburg			Braunschweig		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Abaixo de 18 anos	124	56	68	106	55	51
Entre 18 e 25 anos	28	15	13	40	22	18
Entre 24 e 45 anos	195	81	114	242	105	137
Entre 45 e 65 anos	121	46	75	77	25	52
Acima de 65 anos	16	3	13	12	3	9
Total	484	201	283	477	210	267

Fonte: Departamento de Estatísticas das cidades de Wolfsburg e Braunschweig

Sobre a atuação profissional destas brasileiras, não foi possível encontrar estatísticas detalhadas. A *Bundesagentur für Arbeit* disponibiliza dados apenas a nível de províncias (e não por cidades). Na da Baixa-Saxônia, em maio de 2023, havia um total de 94 mulheres desempregadas, que é o equivalente a 82% do total da população brasileira desempregada na província neste momento.

Quadro 10: Desemprego por Nacionalidade e Sexo na Baixa Saxônia em Maio de 2023

	Total	Homens	Mulheres
Total	245.629	132.840	112.789
Alemães	156.154	88.837	67.317
Estrangeiros	89.470	44.000	45.470

Brasileiros	115	21	94
-------------	-----	----	----

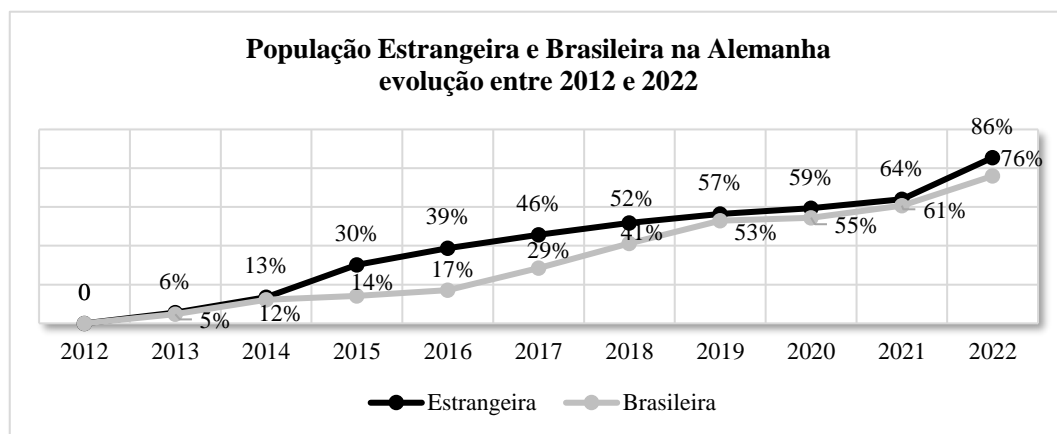
Fonte: Statistik der Bundesagentur für Arbeit

Uma informação adicional disponibilizada pela *Bundesagentur für Arbeit* é que, em maio de 2023, havia 10 mulheres com cidadania brasileira única, em Wolfsburg e arredores, registradas como “em busca de emprego”. Contudo, esta informação não reflete a realidade, pois além de excluir brasileiras com dupla cidadania, nem todas as mulheres que não desempenham atividade remunerada registram-se voluntariamente nesta agência.

4.4. Observações sobre os Dados Secundários

De acordo com os dados secundários levantados, é perceptível o grande aumento da população de nacionalidade estrangeira nos últimos dez anos, que corresponde a 86%. A mesma tendência verificou-se no caso específico da população brasileira residente na Alemanha, cujo aumento atingiu 76% no mesmo período.

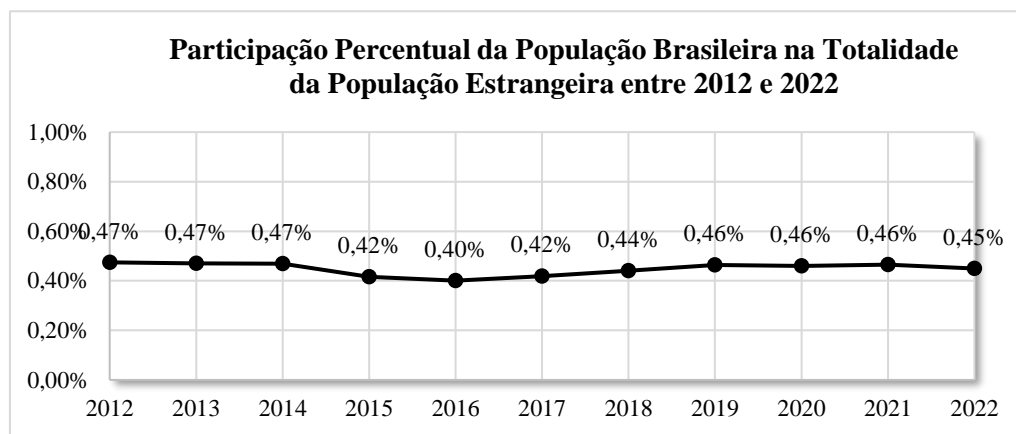
Gráfico 2: População Estrangeira e Brasileira na Alemanha evolução entre 2012 e 2022



Fonte: DESTATIS (<https://www-genesis.destatis.de>)

Apesar de seu crescimento absoluto, em comparação com outras nacionalidades, percebe-se que a participação percentual da população brasileira na totalidade da população estrangeira é reduzida no país, mantendo-se em torno de 0,45% ao longo do período em análise.

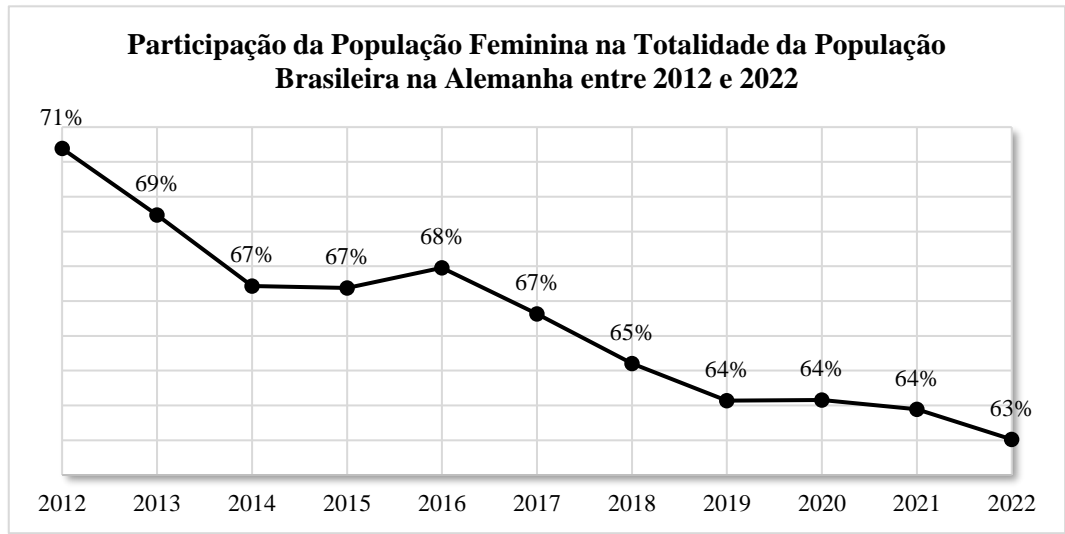
Gráfico 3: Participação Percentual da População Brasileira na Totalidade da



População Estrangeira entre 2012 e 2022
 Fonte: DESTATIS (<https://www-genesis.destatis.de>)

Já quanto ao predomínio de mulheres vs. homens entre a população brasileira, este atenuou-se durante o mesmo período. Enquanto em 2012 a população feminina representava 71% do total da população brasileira, em 2022, essa participação foi de 63%.

Gráfico 4: Participação da População Feminina na Totalidade da População Brasileira na Alemanha entre 2012 e 2022



Fonte: DESTATIS (<https://www-genesis.destatis.de>)

É válido ressaltar que não foi possível identificar, com precisão, qual a razão de a quantidade de brasileiros residentes na Alemanha estimada pelo MRE ser mais do que três vezes o dado disponibilizado pela DESTATIS (160.000 vs. 55.000).

A explanação apresentada pela Embaixada do Brasil em Berlim, é que, o perfil da migração, mais marcado, atualmente, na Alemanha, é de brasileiros com alguma cidadania adicional europeia. Em função de a estimativa da DESTATIS utilizar a nacionalidade de registro de moradia no país, o número de brasileiros com dupla cidadania é, portanto, gravemente subestimado em suas estatísticas.

Visto que o voto é obrigatório a todos os brasileiros em eleições federais, estaduais e municipais, o relatório do MRE é produzido com base nas estatísticas de registro eleitoral. A estimativa do MRE, entretanto, tampouco é precisa, pois não contabiliza brasileiros cujo voto é facultativo (menores de 18 anos, maiores de 70 anos e analfabetos), nem os que estão de passagem por curto prazo, ou que, por qualquer motivo particular, optaram por não solicitar transferência de sua zona eleitoral para alguma das unidades consulares no país.

Para contornar essa limitação, o MRE estima que, para cada 1 eleitor brasileiro registrado, há outros 3 brasileiros não registrados que residem no país. Assim, o número de aproximadamente 160.000 divulgado no relatório do ano de 2022 é uma estimativa com base

nos cerca de 40.000 brasileiros registrados em alguma das zonas eleitorais da Alemanha naquele momento.

Quanto a taxa de desemprego desta população brasileira no cômputo global da população estrangeira na Alemanha, verifica-se que a porcentagem é bastante reduzida. Apenas 0,08% das mulheres e 0,02% dos homens (0,05% no total) desempregados na Alemanha são brasileiros.

Especificamente sobre a região de Wolfsburg, percebe-se a elevada proporção de população estrangeira, correspondente a 12% do total. Assim como no restante do país, na região, a participação percentual da população brasileira na totalidade da população estrangeira é pequena (1,41%) e maioritariamente feminina (58%).

Uma possível causa para a predominância feminina são os relacionamentos binacionais. Conforme mencionado na seção 4.2, o principal setor econômico da região é a indústria automobilística, a qual emprega em função da divisão sexual do trabalho, maioritariamente homens. Assim sendo, a principal motivação à migração feminina à região não é o mercado de trabalho, mas sim motivos de reunião familiar.

Trata-se de mulheres que migram para estar junto com seus companheiros, sejam estes também migrantes brasileiros, que obtiveram oportunidade de trabalho, ou europeus que residem na região.

Mais uma vez, em função da divisão sexual do trabalho, é mais comum que empregados homens sejam enviados como expatriados por seus empregadores ao Brasil. Uma vez no país, iniciam relacionamentos amorosos com brasileiras, que tendem a resultar em fluxos migratórios femininos do Brasil para a Alemanha, quando estes retornam ao seu país de origem.

Quadro 11: População Brasileira residentes em Wolfsburg e Região em 2022

	População Estrangeira	População Brasileira Total	População Brasileira Feminina	%
Wolfsburg ¹	20.526	484	283	58%
Braunschweig ²	30.098	477	267	56%
Gifhorn ³	16.085	75	50	67%
Helmstedt ³	8.795	25	20	80%
Total	75.504	1.061	620	58%
		1,41%		

Fontes: ¹ Departamento de Estatística da cidade de Wolfsburg,
² Departamento de Estatística da cidade de Braunschweig (2022),
³DESTATIS

5. DADOS PRIMÁRIOS

Os dados primários foram recolhidos e analisados em duas etapas: questionário online e entrevistas estruturadas.

A aplicação dos questionários online permitiu a recolha de dados estatísticos mais específicos sobre as brasileiras cuja experiência este estudo se propõe a analisar, proporcionando melhor entendimento sobre o perfil desta população. Foram analisados aspectos como idade, estado civil, constituição familiar, tempo e motivação de migração, conhecimento do idioma alemão, nível de escolaridade, experiência e atuação profissional.

A partir dos dados recolhidos, definiu-se o perfil predominante, o qual corresponde a mulheres entre 35 e 50 anos, casadas, mães e com mais de 5 anos de atuação profissional e pouco ou nenhum conhecimento do idioma alemão no momento da migração. Os números revelam que a grande maioria permanece desempregada ou exerce atividade não compatível com suas qualificações, mesmo após o aprendizado do idioma alemão.

A realização das entrevistas estruturadas viabilizou o entendimento, no detalhe, a respeito das trajetórias dessas mulheres, de acordo com suas próprias percepções e narrativas. Nesta etapa, foi dada ênfase ao perfil da população, suas experiências laborais prévias e posteriores à migração, suas motivações por migrar, sua integração social no país de acolhida e seu nível de satisfação em residir na Alemanha.

A partir da análise das entrevistas, confirmam-se, especialmente, a existência de discriminações interseccionadas na inserção de migrantes brasileiras ao mercado trabalho local, o conceito da mobilidade de classe contraditória e sobrequalificação na distribuição ocupacional.

5.1. Questionário Online

Identificou-se que, na região de Wolfsburg, as brasileiras com nível de escolaridade superior completo e que exerciam atividade profissional no Brasil, migraram, predominantemente (89%), na faixa etária entre 35 e 50 anos, 52% já eram mães no momento da migração (45%

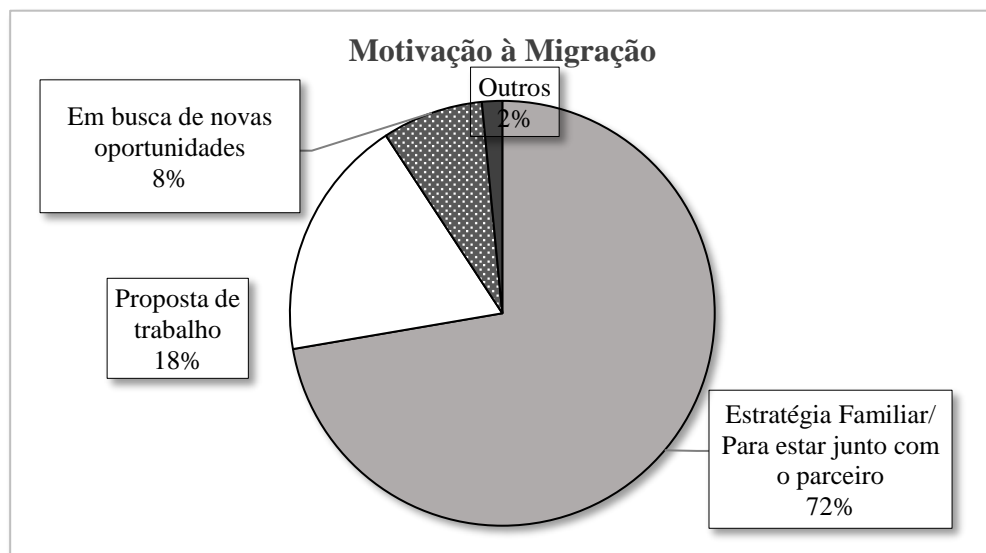
com filhos abaixo de 12 anos de idade) e 78% acumulavam mais do que 5 anos de atuação profissional prévia à migração.

Quadro 12: Tempo de Experiência Profissional Prévia à Migração

	Anos	%
Abaixo de 5	14	22%
Entre 5 - 10	22	34%
Entre 10 - 15	7	11%
Entre 15 - 20	11	17%
Acima de 20	11	17%

Entre as motivações que as levaram a migrar, prevalece a estratégia familiar (72%), seguida por proposta de trabalho (18%), busca de novas oportunidades (8%) ou por outros motivos diversos (2%).

Gráfico 5: Motivação à Migração

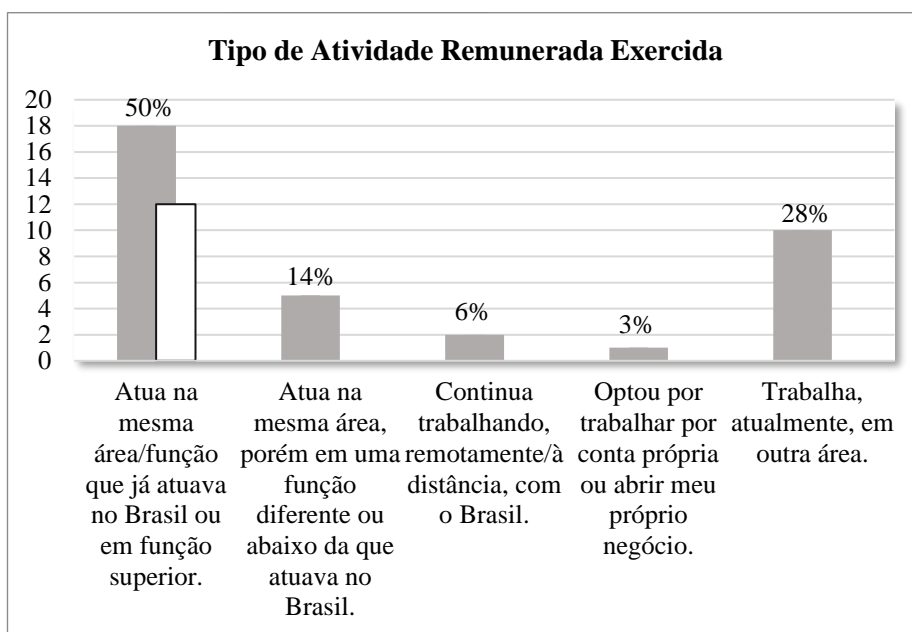


Atualmente, 95% se encontram, entre os 35 e os 50 anos de idade. Embora estejam em idade ativa, 45% não exercem nenhuma atividade remunerada regular na Alemanha. Entre as que

exercem atividade remunerada, 50% se mantiveram na mesma área de atuação/função que exerciam no Brasil.

Porém, é importante ressaltar que, entre as que se permaneceram em função equivalente a seu nível de qualificação, 67% o fizeram pois já migraram com contrato de trabalho (foram expatriadas pela empresa que trabalhavam no Brasil ou receberam uma proposta de trabalho prévia à migração).

Gráfico 6: Tipo de Atividade Remunerada Exercida



No cenário geral, entre as que migram sem um emprego previamente estabelecido, 89% não conseguiu se inserir ou não teve oportunidade de dar continuidade à carreira iniciada e precisou de reconstruir sua estratégia profissional.

Quadro 13: Atuação Profissional

Com atividade remunerada	36	55%	Migraram com proposta de emprego		12		
			Migraram sem proposta de emprego	Atua na mesma área/função que já atuava no Brasil ou em função superior.	6	11%	
				Atua na mesma área, porém em uma função diferente ou abaixo da que atuava no Brasil.	5	9%	
				Continua trabalhando, remotamente/à distância, com o Brasil.	2	4%	
				Optou por trabalhar por conta própria ou abrir meu próprio negócio.	1	2%	
				Trabalha, atualmente, em outra área.	10	19%	
Sem atividade remunerada	29	45%	Sem atividade remunerada	29	55%		

Interpreta-se que o tempo de migração pode exercer influência sobre a inserção no mercado de trabalho: 52% das que seguem inativas migraram há menos de 5 anos. Este fator se relaciona diretamente com o nível de conhecimento do idioma alemão: 74% não detinham qualquer conhecimento ou detinham apenas conhecimentos mínimos (nível A1) no momento da migração e começaram a aprender apenas após sua chegada ao país.

Entretanto, percebe-se que adquirir o conhecimento do idioma não é o suficiente para o sucesso na busca por um trabalho. Entre as que não trabalham, 69% se encontram no nível B1 ou maior, que é, comumente, o mínimo considerado para se poder trabalhar.

Quadro 14: Desempenho de Atividade Remunerada e Nível de Conhecimento de Alemão

	Nenhum	A1	A2	B1	B2	C1	C2	
Não	3	5	1	7	8	2	3	29
	31%			69%				
Sim		5		5	8	12	6	36

Um único caso foi observado de pessoa que migrou sem nenhum conhecimento do idioma e está empregada em sua área. Trata-se de uma pessoa que já migrou com proposta de trabalho, para assumir um cargo internacional na empresa multinacional que a transferiu do Brasil para a Alemanha, no qual utiliza apenas o idioma inglês.

Com relação a maternidade, apenas pelas respostas ao questionário não se torna evidente se a maternidade exerce alguma influência sobre a inserção destas brasileiras no mercado de trabalho. Entre as que possuem filhos abaixo de 12 anos, 58% estão desempregadas e 42% estão empregadas.

Uma observação é que, como o questionário foi respondido por associadas e/ou participantes de iniciativas das quais faço parte (Aquarela Frauengruppe e.V. e Núcleo Wolfsburg do Grupo Mulheres do Brasil) e, portanto, as conheço pessoalmente, pude identificar algumas inconsistências nas respostas obtidas.

A mais surpreendente é que apenas duas responderam que optaram por trabalhar por conta própria ou abrir próprio negócio. Ambas foram entrevistadas posteriormente e são profissionais autônomas (massagista e costureira). Entretanto, é de meu conhecimento que várias outras empreendem informalmente (não são regulamentadas). Talvez por este motivo, não tenham se sentido confortáveis ou seguras para assinalar essa opção.

Também foi identificado outra situação em que, embora a pessoa não tenha selecionado essa opção, no campo de livre preenchimento em seguida explicou que era educadora no Brasil, mas, na Alemanha, optou por dar aulas particulares de português (ou seja, também optou por trabalhar por conta própria).

Adicionalmente, embora não tenham indicado em suas respostas, tenho conhecimento que algumas seguem prestando serviços a clientes no Brasil.

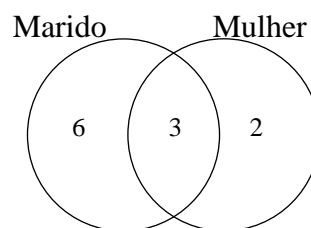
5.2. Entrevistas Estruturadas

5.2.1. Motivação à migração

As motivações à migração das mulheres entrevistadas se dividem, basicamente, entre “estratégia familiar” (para acompanhar seus parceiros, que receberam proposta de trabalho na região) e “busca por novos desafios” (insatisfação com condições políticas, econômicas e de segurança no Brasil, tentativa de encontrar melhor qualidade de vida e desejo por viver novas experiências).

Embora nove casos correspondam à primeira situação (migração por motivo de reunião familiar), em três deles, as entrevistadas confessaram terem sido elas próprias que provocaram a ideia e incentivaram seus maridos a buscar uma oportunidade que viabilizasse a migração. Portanto, embora tenham migrado para acompanhar seus maridos, não foi passiva a participação destas mulheres na tomada de decisão por migrar.

Gráfico 7: Responsável por Iniciar o Processo de Migração



Apenas uma mulher demonstrou haver sentido repulsa, inicialmente, pela ideia de deixar seu país de origem. Entretanto, esta mesma entrevistada relata ter mudado sua percepção após ter iniciado um novo trabalho na Alemanha. Quando chegou o momento de seu marido encerrar sua expatriação e retornar ao seu posto de trabalho no Brasil, foi ela quem propôs e o convenceu a deixar seu emprego, para que a família pudesse permanecer na Alemanha e ela dar continuidade ao seu trabalho, o qual, em suas próprias palavras, ela identifica como “sua missão de vida”. As demais, em sua totalidade, relataram que não se sentiram pressionadas e que participaram, ativamente, na tomada de decisão a favor da migração de suas famílias.

“[...] Aí começou a minha história aqui também. Meu marido teve que pedir as contas, com 33 anos de VW, pra ficar comigo. Porque aí eu comecei a sonhar [...] Eu falei assim: “eu gostaria muito de ficar”, “Então vamos ficar. Você abriu mão por mim, agora eu abro mão por você”. (Fernanda, 48 anos, 1 filho adulto, pedagoga).

Todas as entrevistadas são residentes permanentes no país. Contudo, seis delas iniciaram seu processo migratório na condição de “expatriação temporária” (quando um empregado é enviado, pela empresa contratante, por um tempo previamente determinado a outro país).

Este aspecto merece ser ressaltado, pois o processo migratório de mulheres que migram por estratégia familiar “temporária” apresenta algumas nuances diferenciadas. Em primeiro lugar, quanto à motivação, apresentam, maioritariamente, menor disposição e entusiasmo. Ao contrário, relatam apenas haver aceitado acompanhar seus parceiros nesta jornada, justamente, porque esta seria por curto prazo e o retorno ao país de origem seria certo.

Também há diferença clara no modo como lidam com suas perspectivas laborais em relação às que migram por estratégia familiar de longo prazo ou em busca de novos desafios. Empresas de grande porte (como é o caso da Volkswagen, maior empregadora de Wolfsburg) oferecem, inclusive, uma verba destinada à capacitação aos acompanhantes de seus funcionários expatriados, para que estes se possam recolocar mais facilmente no mercado de trabalho ao final do processo de expatriação.

Mulheres que recebem este auxílio financeiro costumam aproveitar a expatriação de seus parceiros para um “período sabático”, durante o qual não mantém o foco em se inserir no mercado de trabalho local, mas sim em realizar cursos e especializações que as preparem para o retorno futuro às atividades.

Por este motivo, as entrevistadas afirmam que o fato de terem chegado à Alemanha nesta condição provisória impactou negativamente e retardou sua integração. Durante os anos que mantiveram a perspectiva de regressar ao Brasil, não viram sentido em se preparar para se inserir no mercado de trabalho e aceitaram, sem contestar, o papel de “donas de casa”. Ressaltam que, em função de a língua alemã não ser de fácil aprendizagem para brasileiros, quando a permanência no país é transitória e as chances de se fazer uso do idioma no futuro são bastante reduzidas, muitas optam por poupar seus esforços para aprendê-lo.

“[...]Nesse período, que eu fiquei três anos, três anos, aqui, como expatriada, eu fiz uma pós no Brasil. Eu sempre pensei que eu ia voltar pro Brasil. Então, estudei, nesses três anos, que eu fiquei parada profissionalmente, estudei tudo para o Brasil e não fiz nada aqui. Então, acho, me arrependo de não ter feito algo aqui ou ter trabalhado aqui, alguma coisa, porque eu ia voltar.” (Cristiane, 39 anos, 1 filha de 8 anos, administradora de empresas).

“[...] Bem, eu acho que quando a gente vem, ainda mais como esposa e com família, [...] não te são dadas muitas opções assim. Você pensa “cheguei aqui, eu vou ficar aqui, vou

ficar em casa, vou cuidar das crianças. [...] A mulher fica sempre de coadjuvante, enfim, pára de sonhar.” (Renata, 34 anos, 3 filhos de 12, 9 e 5 anos, Bacharel em Moda).

“[...] A gente também vem para cá, nessa situação, para eles trabalharem e a gente acaba ficando sem trabalho. Porque a gente está nesse outro país... No meu caso, eu não falava a língua, tal tal tal. E eu acho, também, que as outras pessoas validam essa posição. De que você vem para cá para ser só uma acompanhante. Você não precisa trabalhar e isso vai entrando na cabeça da gente. A gente vai se sentindo assim. [...] aí cuida da casa, porque não tem quem cuide. Dos filhos, que não tem quem cuide, quem cuide. [...] Fica essa contradição na cabeça da gente, porque a gente gostaria muito de trabalhar, assim, não só de ser dona de casa. [...] A gente é só acompanhante.” (Fabiana, 43 anos, 1 filha de 11 anos, advogada).

Desta forma, percebe-se que as mulheres que tiveram uma mudança no seu status de migrante temporário para definitivo experimentam uma desvantagem com relação àquelas que, desde o princípio, já tem a clareza que irão permanecer no país e não “perdem tempo” em se capacitar para exercer atividade remunerada no país.

Além disso, três entrevistadas declaram que, uma vez que a mulher assume a posição de “dona de casa”, torna-se difícil desvincular-se dela depois. As justificativas são, simultaneamente, a perda de autoestima e o estabelecimento de uma marcada divisão sexual das tarefas domésticas e de cuidar. Enquanto a primeira faz com as mulheres se sintam inseguras e passem a acreditar que não serão, jamais, capazes de encontrar um bom trabalho, a segunda faz com que as mulheres se sintam tão sobrecarregadas com os afazeres dentro de casa, que se torna inimaginável desempenhar, adicionalmente, uma atividade remunerada fora dela.

“[...] Profissionalmente, fico bem decepcionada de ver que eu não estou, que eu parei no tempo, que eu, faz 11 anos que eu não trabalho, que eu não sei o que que é mais um monte de coisa da minha profissão. Esqueci e não me sinto capaz de voltar a trabalhar como antes”. (Fabiana, 43 anos, 1 filha de 11 anos, advogada).

“[...] Eu ficava pensando “Meu Deus! Como é que eu vou fazer, né? Com a casa, com a comida, com o mercado [...]. Acaba que eu vou trabalhar as 30 horas e depois vou trabalhar em casa também.” (Sandra, 54 anos, 1 filho adulto, engenheira).

“[...]Eu acho que falta um pouco de, até mesmo no ciclo familiar de sentar todo mundo e falar assim “Olha, até agora fiquei em casa, mas agora eu quero sair. E agora o que a gente vai, como a gente vai reorganizar a nossa realidade para que eu possa sair?” (Renata, 34 anos, 3 filhos de 12, 9 e 5 anos, Bacharel em Moda).

5.2.2. Aspectos do processo de integração

Somente três mulheres consideram estar bem integradas ao país de acolhida. Entretanto, nestes três casos, as entrevistadas relatam manter relações sociais e de amizade, praticamente, apenas com outros brasileiros. As demais, não apenas não se consideram totalmente integradas, como maior parte acredita, inclusive, que jamais será capaz de se sentir assim.

O idioma alemão foi apontado, unanimemente, como sendo a principal dificuldade à integração enfrentada pelas entrevistadas. Na sequência, aparecem fatores como a cultura, a falta de empatia com imigrantes por parte da sociedade alemã, a burocracia e o entendimento insuficiente sobre o funcionamento dos processos, de uma forma geral, no país.

Com frequência, foi mencionada a importância da existência de grupo estruturado da comunidade brasileira (Associação Aquarela Frauengruppe e.V.) como facilitador do processo de integração.

“[...]Se eu não tivesse conhecido o Aquarela, teria sido infinitamente mais difícil! Mas como eu conheci vocês, assim, logo no início, então, eu, sinceramente, não tenho nada que me queixar da integração. [...]Tem pontos difíceis. Tem muito pontos em que a gente se vê em um momento em que não sabe o que fazer. Mas tem sempre alguém para perguntar. Eu esqueci o mais importante; por causa disso eu não tenho mais, digamos assim, medo de ficar aqui ou coisa assim.” (Carolina, 32 anos, 1 filha de 5 anos, engenheira).

Algumas entrevistadas também consideram que a cidade de Wolfsburg, por sua peculiaridade de abrigar muitos imigrantes e ser bastante internacional, torna a integração mais suave aos que migram para sua região.

“[...] Acho que o cenário, fora de Wolfsburg, na Alemanha, em geral é muito mais difícil do que aqui.” (Carolina, 32 anos, 1 filha de 5 anos, engenheira).

“[...]É engraçado, quando a gente morou lá mais no Sul, eu tinha uma percepção. Aqui, em Wolfsburg, eu tenho outra.” (Luciana, 40 anos, 1 filho de 4 anos, contadora).

Quanto a existência de preconceito, as percepções são bastante diversas e se torna muito claro o peso da questão racial. As perguntas foram feitas de forma a identificar a presença de discriminações, no geral e se há alguma particularidade que atinja, especificamente, imigrantes brasileiras.

Duas entrevistadas são loiras, têm os olhos claros e se assemelham, bastante, ao biotipo físico alemão. Ambas afirmaram nunca haver passado por nenhum tipo de situação discriminatória por serem imigrantes ou brasileiras. Apenas descrevem perceber discriminações contra mulheres (inclusive, àquelas de nacionalidade alemã), especialmente, no que se refere ao

mercado de trabalho, pontuando que estas se intensificam, fortemente, quando a condição de maternidade se faz presente.

Dentre as oito entrevistadas de pele clara, cabelos e/ou olhos escuros, todas afirmam haver sido vítimas de múltiplas discriminações. Entretanto, destas, apenas uma menciona ter se sentido discriminada pelo imaginário sexualizado da mulher brasileira. As outras não concordam que existam, na Alemanha, preconceitos específicos contra a mulher brasileira, mas percebem a interseccionalidade no cruzamento dos eixos sexo, condição de imigrante, maternidade e raça.

Em diversas conversas foi ressaltado que o povo brasileiro não tem um típico físico padrão e que, por esta razão, dificilmente, elas são identificadas, à primeira vista, como brasileiras. Acreditam ser evidente que sejam imigrantes, porém podem ser, facilmente, confundidas com portuguesas, italianas, espanholas ou mulheres provenientes de muitos outros países.

Embora aleguem não ter sofrido, pessoalmente, nenhuma discriminação por serem brasileiras, algumas mencionam que os alemães, frequentemente, consideram a falta de seriedade como uma característica do povo brasileiro.

De forma contraditória, outras observam interesse e admiração pela cultura brasileira e entendem que ser brasileiro pode funcionar como um ponto positivo na construção das relações sociais com nativos:

“[...]O que eu sinto é que como uma “mulher que não é daqui”, você sofre certos preconceitos. Mas não que, ao ser brasileira e falar que eu sou brasileira, eu sofri mais alguma coisa. Eu acho que é só por ser estrangeiro mesmo.” (Renata, 34 anos, 3 filhos de 12, 9 e 5 anos, Bacharel em Moda).

“[...]Eles têm um pouco mais de... eles são um pouco mais simpáticos com nós, brasileiros. Eu não sei. Porque eu acho que, no Brasil, a gente tem essa coisa de ser alegre, de ser contente. É uma marca que eu e todo mundo tem do nosso povo, né? Então eu acho que isso traz um pouquinho de vantagem.” (Daniela, 43 anos, 2 filhos de 6 e 2 anos, administradora).

Apenas uma entrevistada é negra e outra é filha de mãe negra. Ambas confirmam que a adição do fator racial à equação potencializa profundamente a discriminação sofrida por imigrantes na Alemanha.

“[...] Quando a minha mãe veio pra cá, da primeira vez... A minha mãe é negra, né?

E ela, a gente, foi numa loja ali em Fallersleben⁶, de roupa, tudo. E ela tava olhando, tudo. E ela começou a ser perseguida! Toda arara que ela ia, começaram a andar atrás...indo atrás, indo atrás, todas as araras, todas, todas, todas. [...]

Hoje, com o que eu penso, eu acho que eu teria chamado a polícia, sabe? [...] E aí, me acendeu um alerta: [...] Nossa, todo mundo é assim? Todo mundo que tem a pele mais escura vai ser tratado assim, será?”. (Renata, 34 anos, 3 filhos de 12, 9 e 5 anos, Bacharel em Moda).

“[...]Aqui tem um outro atravessamento, [...] que é a questão do racismo, porque ele existe, porque existe uma interseccionalidade. Assim: nós somos mulheres, que já sofremos preconceito, mulheres com filhos. Se você é uma mulher estrangeira, com filhos e além disso você é negra, entra um outro fator [...] eu, eu, eu sofro preconceito aqui, assim, diariamente, diariamente.” (Daniela, 43 anos, 2 filho de 6 e 2 anos, administradora).

Com relação ao convívio social, uma única entrevistada relata que se relaciona mais com alemães que com brasileiros. Justifica sua preferência pela convivência com os nativos em função de serem mais sérios que os brasileiros. Este dado se faz relevante, pois comprova a existência de preconceito intergrupar.

“[...]Porque eu percebo assim: o alemão que seria amigo, ele é amigo de verdade. Se você ganhou o coração do alemão, você tem. O brasileiro é “se der”. Se der, ele ajuda. Se tiver um churrasco ali, ele vai.” (Fernanda, 48 anos, 1 filho adulto, pedagoga).

Quanto às demais, por questão de preferência, escolha e afinidade, prevalecem as amizades, exclusivamente, com conterrâneos brasileiros. Convivem, esporadicamente, com alemães. Entretanto, consideram se tratar de relacionamento superficial de boa convivência com vizinhos, colegas de seus maridos e pais de amigos de seus filhos. Nenhuma mulher detém amizades originárias de seu ambiente de trabalho.

Embora algumas poucas considerem cíclica sua satisfação com a migração – por vezes, se sentem felizes, por outras, descontentes – absolutamente todas consideram que os ganhos de seu processo migratório superam as perdas e que o balanço é, portanto, positivo. Nenhuma afirmou haver se arrependido de ter migrado para Alemanha.

O item mais citado como ganho da experiência de migração é a exposição a novas experiências de vida: conhecer uma nova cultura, outras visões e valores, aprender um idioma diferente, construir novos relacionamentos. Também são apontados como benefícios: melhoria na qualidade de vida (menos horas de trabalho, mais tempo com a família,

⁶ Fallersleben: bairro da cidade de Wolfsburg.

segurança, liberdade, menos tempo no trânsito), autoconhecimento e possibilidade de vivenciar menor disparidade de gênero, em comparação com a realidade brasileira.

“[...]A gente perde muito. Muita coisa boa, que seria, no meu caso, estar com a família, estar no meu país, poder trabalhar. E aqui eu ganho muito! De poder viver, de verdade, com a minha família, de não ter medo de sair na rua.” (Fabiana, 43 anos, 1 filha de 11 anos, advogada).

“[...]Não! Não! Não! Eu não me arrependo! Até porque, como eu falei, a vida aqui tem um monte de coisa boa, que eu consigo listar para você! E tem um monte de coisa negativa. E no Brasil é a mesma coisa. Consigo ver um monte de coisa boa no Brasil, um monte de coisa negativa. Então, hoje, pode ser que, daqui a um ano eu, tenha uma outra mentalidade, mas hoje compensa estar vivendo aqui[...]”. (Daniela, 43 anos, 2 filhos de 6 e 2 anos, administradora).

A privação de contato com os familiares e a estagnação/retrocesso na carreira profissional são, basicamente, as perdas listadas. Quando questionadas sobre o confronto entre suas expectativas prévias à migração e a realidade, de fato, diversas mencionaram haver se decepcionado com a lentidão dos processos, com a burocracia e com a dificuldade em dar continuidade à carreira iniciada no Brasil.

“[...]Ai, de (perda) pessoal é realmente de não estar lá pra conviver com os familiares. É unânime. E profissional, é esse “downgrade” que a gente tem que fazer, né!? [...] Que tem que dar um passo pra trás, pra você poder dar outros vários para frente, entendeu?” (Viviane, 32 anos, sem filhos, farmacêutica).

“[...]Eu achei que aqui as coisas funcionariam mais rápido. E essa acho que foi a minha primeira decepção, que as coisas aqui... Tudo tem seu tempo, tudo demora. Não é tudo no “fast food” como no Brasil. E isso foi a primeira, minha primeira decepção na Alemanha! Que mais? Acho que isso, é minha decepção na Alemanha. É isso! E porque achei que, aqui em Wolfsburg, que eu conseguiria um trabalho falando inglês. Mas, aqui, não.” (Cristiane, 39 anos, 1 filha de 8 anos, administradora de empresas).

Embora com o balanço entre ganhos e perdas alinhado e sem arrependimento por haver migrado, a maior parte não gostaria de continuar na Alemanha para sempre. Considera regressar ao Brasil um dia ou, pelo menos, se mudar para um outro país com clima mais quente e cultura mais semelhante à brasileira (países latinos europeus). Aquelas poucas que não consideram regressar a seu país de origem, consonantemente, atribuem sua decisão aos altos índices de criminalidade do Brasil.

“[...]Eu voltaria pro Brasil. Não sei se, necessariamente, é o Brasil. Mas pra algum país mais tropical, digamos. Algum lugar mais quente, que seja mais agitado, um pouco mais animado, durante o ano todo, não apenas três meses, quatro meses por ano. Quando tá calor, mais sol, eu enxergo as pessoas muito mais animadas. [...] É uma ligação muito íntima entre uma e outra. [...] O humor está muito, muito, muito, muito ligado a claridade, sol, calor, convívio, animação.” (Viviane, 32 anos, sem filhos, farmacêutica).

“[...]Não! Ainda mais do jeito que o Brasil está, com violência”. (Adriana, um filho de 7 anos, enfermeira).

Um fator curioso mencionado, que é resultante da migração, é sensação de ser estrangeiro em toda parte. As culturas, costumes e linguajar se misturam de uma forma, que as pessoas deixam de se identificar, exclusivamente, com um dos países.

“[...]Você é Ausländer⁷ onde você estiver. Eu sinto. Você é Ausländer no Brasil, na sua família. Você é mais Ausländer até que na Alemanha, né? A gente é Ausländer aqui... [...]você sempre vai ser Ausländer. Até pela cor! [...] Até o sotaque da gente. (Fernanda, 48 anos, 1 filho adulto, pedagoga).

“[...]Assim, hoje, é muito estranho, porque eu me sinto, assim, tipo agora, cidadã do mundo. Mas eu volto pro Brasil e me dá saudade. Mas eu tenho saudade da Alemanha. Eu saio da Itália, sinto saudade. Então, assim, é muito, é estranho, assim. (Sandra, 54 anos, 1 filho adulto, engenheira).

A partir destes relatos, percebe-se como a cultura em que os indivíduos estão inseridos contribui para a sua “leitura do mundo”. A partir das representações culturais, assim como das relações sociais, os seres humanos solidificam seus hábitos, tradições e crenças e atribuem sentido aos acontecimentos (Moro, 2015).

Embora tenham passado boa parte de suas vidas em contato com a cultura brasileira, os indivíduos incorporam algumas representações culturais do país de acolhida. Esse paradoxo se acentua, especialmente, no caso da migração contemporânea e seus migrantes transnacionais, na qual os sistemas se relacionam de forma fluida entre si.

Tanto o Brasil, quanto a Alemanha (e, obviamente, qualquer parte do mundo!) tem seus prós e contras. A exposição prologada a ambas as culturas faz com que as pessoas avaliem e adotem aquilo que consideram mais positivo de cada uma delas. Entretanto, em consequência desta mescla, as próprias migrantes passam a ter a sensação de que já não pertencem, exclusivamente, a lugar nenhum.

Com relação à sua inserção na sociedade de acolhida, o fato de seguirem sendo percebidas como estrangeiras, não obstante o tempo que residam no país, impacta negativamente sua integração ao país. Exemplos dos prejuízos são as discriminações no mercado de trabalho, mesmo após o aprendizado e domínio do idioma alemão e a incapacidade de apropriar-se do sentimento de pertencimento à sociedade alemã.

⁷ Ausländer: estrangeiro.

“[...]Acho que não me integrei ainda. Tá demorando muito, para me sentir totalmente à vontade. Acho que eu nunca vou me sentir totalmente à vontade aqui”. (Viviane, 32 anos, sem filhos, farmacêutica).

5.2.3. Experiências laborais

O último grande aspecto analisado é também o aspecto central desta pesquisa: as experiências laborais das mulheres entrevistadas.

Oito mulheres estão exercendo alguma atividade remunerada, duas estão se preparando para se reinserir no mercado de trabalho (processo de reconhecimento de diploma e aprofundamento dos conhecimentos do idioma alemão) e uma, embora demonstre muito desejo por trabalhar, não se sente preparada ou confiante o suficiente para tentar.

Dentre as oito que estão exercendo alguma atividade, duas delas o fazem de forma informal, empreendendo como confeitadeira e costureira. Em ambos os casos, além do malefício de se afastarem de suas carreiras profissionais e vivenciarem o conseqüente descontentamento, elas não produzem o suficiente para alcançarem sua independência financeira, vivem à margem do sistema previdenciário e, além disto, podem vir a enfrentar problemas legais pela falta de adequação de seu trabalho à regulamentação local. Quando questionadas sobre o motivo que as levou a seguir por este caminho, relatam terem encontrado muita dificuldade em se inserir, formalmente, no mercado de trabalho e buscaram uma alternativa que lhes permitisse, dentro de suas limitações enquanto imigrante na Alemanha, ter algum tipo de remuneração.

“Quais são os motivos que te levam a empreender?” (Eu)

“Desespero. Desespero!”. (Renata, 34 anos, 3 filhos de 12, 9 e 5 anos, Bacharel em Moda).

Outras três das mulheres, trabalham regulamente, entretanto se sentiram forçadas a mudar, drasticamente, sua área de atuação, após haver se candidatado, inúmeras vezes, sem sucesso para vagas adequadas a seu histórico profissional. Assim como as entrevistadas mencionadas acima, identificaram a necessidade de se “reinventar” e iniciar um novo caminho, para que pudessem, de alguma forma, superar os obstáculos e inserir no mercado de trabalho remunerado.

A tabela a seguir tem por propósito sinalizar, de forma necessariamente sucinta e simplificada, a dimensão da adaptação pela qual essas mulheres passaram:

Quadro 15: Comparativo de carreiras pré e pós migração.

No Brasil	Na Alemanha
<p>16 anos de experiência, cargo de supervisão uma empresa multinacional de grande porte do setor químico.</p> <p>Graduada em administração de empresas com ênfase em comércio exterior, com 3 pós-graduações (MBA e especializações em gestão de projetos e finanças).</p> <p>Fluente em 4 idiomas.</p>	<p>Funcionária de um <i>start up</i> de pequeno porte, na coordenação de cursos de idiomas, no regime de tempo parcial.</p>
<p>17 anos de experiência, divididos entre empresa multinacional de grande porte do setor de bens de consumo e consultoria na área de gestão de qualidade.</p> <p>Graduada em administração de empresas.</p> <p>Fluente em 4 idiomas.</p>	<p>Freelancer em um projeto da prefeitura que oferece apoio a gestantes com histórico de migração, contrato por horas trabalhadas, sem benefícios ou vínculo trabalhista.</p>
<p>10 anos de experiência como engenheira sanitária em empresas multinacionais de grande porte do setor automobilístico.</p> <p>Graduada em Engenharia Ambiental.</p> <p>Fluente em 3 idiomas.</p>	<p>Massagista autônoma regulamentada.</p> <p>Concluiu, recentemente, curso de coaching de emagrecimento.</p>

Apenas três mulheres se mantiveram na mesma área de atuação profissional prévia à migração. Entretanto, todas tiveram que se amoldar a novas funções, desempenham cargos inferiores e recebem salários muito aquém daqueles que já haviam alcançado no Brasil.

“[...]Ah, fui rebaixada, com certeza. [...] Eu tenho consciência de que, com o alemão que eu tenho, não tenho condições [...] No Brasil, eu tinha cargo de coordenação. Aqui, como que eu vou coordenar uma equipe, sem nem saber falar a língua!?” (Luciana, 40 anos, 1 filho de 4 anos, contadora).

“[...] Qual a chance de você virar professora (universitária) aqui na Alemanha? Para mim, é zero! Assim, já tem dez alemãs lá “batendo”, na fila” (Vanessa, 46 anos, 2 filhos de 13 e 15 anos, engenheira).

“[...] Na informalidade, eu sou reconhecida. Mas, no papel, não. [...] Na questão salarial, eu sou a última escala. [...] Foi Missbrauch. (Fernanda, 48 anos, 1 filho adulto, pedagoga).

O termo em alemão “Missbrauch”, usado pela entrevistada, é traduzido, em português, como “abuso sexual”. Ela fez uso do termo, metaforicamente, para ilustrar como se sente com o fato de ser contratada para executar tarefas que requerem seu conhecimento, sua larga experiência e seu alto nível de qualificação, entretanto, com cargo e remuneração muito inferiores ao que lhe seria justo.

A mesma situação de “abuso” é relatada pela entrevistada graduada em enfermagem. Em função do alto déficit de mão de obra na área, o governo alemão tem incentivado programas de recrutamento de enfermeiros em outros países, promovendo acordos entre governos e facilitado os trâmites de concessão de vistos para estes trabalhadores.

Atraídos pela oportunidade de “um futuro melhor”, muitos enfermeiros brasileiros têm se deslocado para a Alemanha nos últimos anos. Entretanto, ao chegar ao país, se deparam com alguns impasses. O primeiro é a disparidade no sistema de qualificação: enquanto no Brasil, enfermagem é um curso universitário, na Alemanha é simplesmente um curso técnico. Além disso, o processo de reconhecimento de diploma de enfermagem adquirido no Brasil é bastante lento e trabalhoso. Os currículos de curso não são aceitos, os interessados precisam comprovar nível de fluência em alemão avançado através de duas certificações distintas (geral e de conhecimentos específicos), cumprir horas de estágio e, em alguns casos, assistir a cursos complementares.

O desfecho é que os hospitais e demais instituições se beneficiam de todo o conhecimento e preparo destes profissionais, altamente qualificados e experientes, em troca de salários muito inferiores ao que lhes seria cabido. A situação das remunerações injustas é ainda mais intensa durante o período em que estes profissionais esperam pelo reconhecimento de seus estudos. Isso porque, na Alemanha, há dois níveis de trabalhadores da área de enfermagem: *Helfer* (Ou *Helferin*, no feminino - auxiliar) ou *Pflegekraft* (técnico em enfermagem). Uma *Helferin* não dispõe, nem mesmo, de um curso técnico. É o profissional responsável por tarefas auxiliares, como dar banho, trocar fraldas, alimentar os pacientes, dentre outras. Para ser uma *Pflegekraft*, é necessário ter finalizado o curso técnico e realizado uma quantidade mínima de horas de estágio. As enfermeiras brasileiras, com nível superior completo, enquanto aguardam a validação de seus diplomas, não são nem contratadas como

Pflegekraft, o que já seria um nível inferior. Neste período de aguardo, são admitidas como Helferin e recebem, obviamente, a remuneração condizente com o cargo que consta em seus contratos de trabalho.

“[...] Aqui, o enfermeiro do Brasil faz um serviço de técnico. Então, tem um pouco de diferença. Teoricamente, você faz o serviço de técnico, só que você assume a clínica inteira e tem que fazer anotação como enfermeiro. Então você tem duas funções em uma”. (Adriana, 41 anos, 1 filho de 7 anos, enfermeira)

Sobre as barreiras à inserção no mercado de trabalho, a maior parte das entrevistadas considera que o maior obstáculo é o mesmo que enfrentam com relação à integração como um todo: o idioma alemão.

A dificuldade não é exclusiva daquelas que não tem nenhuma ou pouca noção da língua. Também as entrevistadas que já eram fluentes ao migrar e aquelas que se dedicaram a alcançar altos níveis de conhecimento após sua chegada (acima de B1, de acordo com Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas) expressam o mesmo discurso: encontram-se em desvantagem, com relação às alemãs, ao concorrer por uma mesma vaga e sofrem discriminação e descrédito por parte dos contratantes e, até mesmo, do serviço público de agência de empregos.

“[...] Sim, sim. Eu acho que eu não concorro de igual para igual em nenhuma vaga de emprego. Eu acho que existe, sim, essa discriminação. É difícil assim, por exemplo, agora eu estou trabalhando, eu tenho que escrever relatórios, mas meu alemão não é perfeito. Então, assim, de um lado, o alemão é muito inflexível, então ele é muito tradicionalista, é muito: “tem que ser aquilo, você tem que ter se formado nesta sociedade, você tem que...” Eles são muito inflexíveis.” (Vanessa, 46 anos, 2 filhos de 13 e 15 anos, engenheira).

“[...] Foi mais uma ilusão e eu achava que, bom, agora eu já sei falar alemão, então eu vou conseguir um trabalho, assim, super fácil! Eu imagino, porque, afinal, eu tenho um monte de experiência. Além do alemão, eu sei falar inglês, eu sei falar espanhol. Então meu Deus, isso aqui vai ser maravilhoso pra mim, né? Só que não. Até o meu primeiro Beratung⁸. [...] eu encontrei uma coach da Agentur für Arbeit⁹ que falou assim para mim: [...] ela falou assim pra mim que o meu alemão era péssimo, que pra trabalhar na área administrativa, que era a área que eu trabalhava lá no Brasil, que eu precisava de tempo. Eu tinha B2 então, que eu precisava de ter C2, que nem os alemães conseguiam trabalho, assim, na área administrativa, porque era uma linguagem, assim, muito específica. Se eu quisesse, ela poderia me encaminhar para eu trabalhar em Lager¹⁰, na limpeza ou no restaurante, lavando pratos.” (Daniela, 43 anos, 2 filhos de 6 e 2 anos, administradora).

⁸ Beratung: aconselhamento.

⁹ Agentur für Arbeit: serviço público de agência de empregos.

¹⁰ Lager: depósito, armazém.

A invalidação ou demérito de suas formações acadêmicas e experiências profissionais adquiridas no Brasil são a segunda principal barreira listada. A percepção das entrevistadas é que a raiz do problema é a “inflexibilidade dos alemães”, que apresentam resistência contra o desconhecido, creem que o modo alemão de fazer é o único modo certo e aceitável e não são dispostos a “pensar fora da caixa”.

“[...]Que os alemães aceitem a nossa formação! Que é diferente! Eles têm que aceitar, porque eles acham que, [...]se você não tem Abitur, não é bom o suficiente! Muitas vezes, você é melhor do que eles aqui. Acho que eu acho que o estrangeiro é muito mais resiliente que o alemão, muito mais flexível, algumas vezes. E eles olham a formação e acabam “não!”. Porque eu não era chamada nem pra entrevista! Pelo meu currículo... Então, eu acho que eles pegavam muito na formação. Sendo que eu tinha 15 anos de experiência! Então, pra mim a dificuldade é isso, eles aceitarem formações diferentes.” (Cristiane, 39 anos, 1 filha de 8 anos, administradora de empresas).

O terceiro aspecto identificado como um obstáculo é ter filhos. É unânime o entendimento de que a maternidade seja um dos eixos discriminatórios contra as mulheres no mercado de trabalho. Não apenas, pontualmente, no momento de sua inserção, mas sim de forma generalizada ao longo de sua carreira profissional.

Na Alemanha, existe a possibilidade que os pais reduzam suas jornadas de trabalho, por tempo indeterminado, após o nascimento de seus filhos. O mesmo se aplica quando existe um dependente com necessidades especiais ou idosos que requerem cuidados na família. Não é uma lei, nem uma regra. Mas é uma prática comum, especialmente em empresas de grande porte, que se preocupam com a responsabilidade social, como a Volkswagen (principal empregador da região de Wolfsburg).

Entretanto, o que acontece, no geral, é que quem reduz suas horas trabalhadas são apenas as mães. O reflexo nas carreiras das mulheres é direto: mulheres jovens passam a ser preteridas em novas contratações, em função da perspectiva de, um dia, se tornarem mães; as mulheres que passam a trabalhar menos horas têm suas remunerações e conseqüente aposentadorias reduzidas; as chances de assumirem melhores posições e progredirem em suas carreiras são limitadas.

“[...]Eu vejo, assim, por exemplo, tem mulheres que vão buscar o filho, que o filho ficou doente. Existe um buchicho dentro! Não é bem aceitável. [...]Existe uma tolerância maior do que no Brasil. Eu percebo! Mas não é, como se fala, “Amigo da família” ou qualquer coisa assim. E outra coisa: porque é eu tive cinco Zusage¹¹? Porque eu não tenho criança! Porque eu sou idosa, assim, do parâmetro normal. Eu não vou engravidar.

¹¹ Zusage: resposta positiva (no caso, às candidaturas a vagas de emprego).

Estou idosa para engravidar! Então, tudo isso cresce aos olhos quando eles veem meu currículo. Mas isso mostra que não é compatível “família e trabalho” para uma mulher. Ela sofre preconceito, claro. Da mesma forma que eu tive a Vorteil¹². (Fernanda, 48 anos, 1 filho adulto, pedagoga).

Ainda com relação ao tema jornada de trabalho reduzida, é importante ressaltar que aquelas que já tinham um emprego quando se tornaram mães têm a possibilidade de optar pela redução. Entretanto, não são abundantes as vagas para iniciar um trabalho no modelo de meio período ou tempo parcial. A exceção são os trabalhos de baixa qualificação, especialmente, na área de serviços, conhecidos como “Mini Jobs”. Ou seja, as mulheres imigrantes que chegam ao país já com filhos pequenos e precisam se inserir no mercado, diretamente, no modelo de período parcial, se encontram, mais uma vez, em desvantagem.

A intersecção discriminatória entre sexo e maternidade também atinge, obviamente, mulheres nativas. Mas mulheres imigrantes sofrem ainda mais, com a sobreposição do eixo “origem” e o impacto se potencializa, fortemente, se também for adicionado o eixo “raça” à essa equação.

“[...] Ah, eu quando estava lá em Hamburgo, eu me escrevi na agência do trabalho. Aí eu fui lá no dia que tinha um Berater¹³ e daí eu falei pra mulher: “O que eu posso fazer mais? Tenho todos os meus diplomas, reconhecidos. Tenho carteira de motorista. Tenho o alemão já em C1. O que eu preciso fazer mais para conseguir um emprego?” Ela falou assim: “Não falta nada pra você. O seu problema é que você tem filho”. Ela falou isso na minha cara. Então, enfim, é claro pra mim, 100%”. (Vanessa, 46 anos, 2 filhos de 13 e 15 anos, engenheira).

Apesar das discriminações relacionadas à maternidade, ao serem consultadas sobre como enxergam a “conciliação entre família e trabalho” na Alemanha, as opiniões se dividem igualmente, demonstrando que há ambiguidade nas interpretações.

Por um lado, algumas consideram uma piora significativa, pois entendem que a maternidade, aliada à falta de rede de apoio, aos altos custos de serviços terceirizados e às características dos sistemas de cuidado/educação infantil, faz com que as mulheres sejam, na Alemanha, ainda mais sobrecarregadas com as “jornadas duplas de trabalho” (fora e dentro de casa) e piora drasticamente a possibilidade de conciliarem serem “mães” e “profissionais”.

“[...]Eu não me via, assim, em casa, ficando em casa com o Benício¹⁴. [...] Tinha um Kindergarten¹⁵ bem do lado da nossa casa e eu fui no Kindergarten, toda feliz. Vou

¹² Vorteil: vantagem.

¹³ Berater: consultor (no caso, consultor da agência pública de empregos).

¹⁴ Nome fictício

¹⁵ Kindergarten: Pré-escola.

deixar o Leonardo no Kindergarten e vou aprender alemão, né? O Leonardo tinha dois anos. Daí a moça falou para mim assim: “Não. Mas não pode ficar. Só com três anos”. Nossa! Ah, quando ela me falou aquilo, meu olho, assim, na hora encheu de lágrima. E eu pensei “Mas uma mãe”... E daí eu falei para ela, assim: “Mas uma mãe, aqui na Alemanha, não pode trabalhar?”. Para mim era, assim uma coisa inexplicável! Uma coisa de outro mundo, assim. Nunca imaginei isso. (Sandra, 54 anos, 1 filho adulto, engenheira).

“[...] No Brasil eu tinha uma empregada que estava com as crianças durante a manhã, cozinhava, fazia almoço, fazia suco natural para as crianças e a tarde ela limpava, terminava de limpar a casa. E assim, lá você tem creche, pode ter uma dificuldade ou outra pra conseguir uma vaga numa determinada creche, escola integral, mas no geral você tem uma oferta grande, se você tem condições de pagar. A desigualdade do Brasil, eu acho que é um modelo cruel! Mas pra quem tem estudo assim, é maravilhoso. (Vanessa, 46 anos, 2 filhos de 13 e 15 anos, engenheira).

“[...] O eu vejo mais diferença é que, no Brasil, por exemplo, a gente consegue uma escola (que seja não a pública! Mas a privada). Você consegue colocar seu filho num horário, tipo, consegue entrar ele, coloca ele, deixa ele às 07h00 ou 06h30. Porque, normalmente, as aulas no Brasil começam às 07h00! Ele fica, pode ficar o dia inteiro. Você consegue uma pessoa pra cuidar dele no período da tarde e você trabalha! [...] Aqui, trabalhando todo dia, eu já vejo que é um pouco difícil. Até quem tem criança muito pequena, porque Kita¹⁶ aqui é um pouco difícil. Porque o Kita aqui fala assim “a criança não tem muita vontade, você vai buscar ela?”. Como assim, gente!? Isso não existe no Brasil. É complicado. E a gente não tem rede de apoio, porque quando a gente está no Brasil, tem avó que dá para ficar com a criança quando está doente. A gente fica totalmente de mãos atadas. Somos nós.” (Adriana, um filho de 7 anos, enfermeira).

Por outro, há aquelas que percebem melhora considerativa neste quesito em suas vidas após a migração. Algumas mencionam, inclusive, ser este um dos maiores ganhos que obtiveram ao deixar o país e uma das principais razões pelas quais não desejam retornar ao Brasil: a possibilidade de trabalhar menos horas e passar mais tempo de qualidade com seus filhos.

“[...]Porque, enquanto trabalhei lá no Brasil, minha vida profissional lá, eu basicamente saí de casa às 6 da manhã e chegava em casa às 11 da noite. [...] Mesmo que tu tenha opções no Brasil, tu consegue fazer tudo que tu faz aqui. [...] Com pessoas ao teu redor! Mas mesmo que tu tenha pessoas ao teu redor, ou que tu possa pagar um serviço, não é “tu” com os seus filhos! Com o teu marido! Então, nesse ponto, aqui eu acho “o céu”. (Carolina, 32 anos, 1 filha de 5 anos, engenheira).

“[...]Eu estou aqui, pra poder ficar mais tempo com a minha filha. No Brasil, eu não teria esse tempo com minha filha.” (Cristiane, 39 anos, 1 filha de 8 anos, administradora de empresas).

“[...]Só não volto pro Brasil por causa disso. Toda vez que eu penso, as vezes dá essa vontade de voltar... Acho que a gente sempre vai ter isso... Toda vez que eu penso em ter que trabalhar o dia todo, em ter que deixar o Murilo¹⁷... Largar, sei lá, 08h00 e pegar

¹⁶ Kita: abreviação de Kindertagesstätte. Instituições que englobam berçário, creche e pré-escola.

¹⁷ Nome fictício

07h00 da noite na escola, eu já não tenho coragem. Eu aguento tudo o que tiver que aguentar, as dificuldades, porque aqui, nossa! [...] No Brasil, não existe isso. Por enquanto... Vai que um dia acontece, aí eu volto, né?” (Risos) (Luciana, 40 anos, 1 filho de 4 anos, contadora).

De forma congruente, todas as mulheres demonstraram que seu lado profissional é uma parte muito significativa da composição de suas vidas. Exercer suas profissões e, especialmente, fazê-lo com êxito, está diretamente ligado a seu nível de contentamento geral e, também, com seu grau de integração ao país de acolhida.

Igualmente, a impossibilidade de trabalhar de acordo com suas qualificações e a dependência (ou escassez) financeira decorrem em insatisfação e podem, até mesmo, em alguns casos, afetar sua saúde mental, dando origem a transtornos como depressão, ansiedade e síndrome do pânico.

“[...] Eu acho que o trabalho é uma parte muito importante, assim, para a nossa autonomia financeira, nossa autoestima, nosso desenvolvimento pessoal, que pesa mais do que imaginava. Eu quando estava procurando, eu sinto que eu fiquei muito tempo procurando... eu cheguei quase a... quase não, eu fiquei com depressão.” (Vanessa, 46 anos, 2 filhos de 13 e 15 anos, engenheira).

“[...] Eu tive uma crise de ansiedade, que eu tive que parar tudo por seis meses, oito meses, quase um ano. Eu parei! Porque é isso aí, foi assim pra mim, isso até hoje eu não consigo falar sem chorar disso. (lágrimas).” (Daniela, 43 anos, 2 filhos de 6 e 2 anos, administradora).

Nenhuma das entrevistadas considera ter obtido ganhos ou progressos profissionais com a migração. Ao contrário, todas vivenciam uma trajetória descendente na carreira profissional. Tampouco alguma respondeu que se sente realizada profissionalmente. Duas delas, as que ainda estão se preparando para se inserir no mercado, têm esperanças de alcançar sua realização profissional no futuro. Algumas até disseram se sentirem felizes com o trabalho que realizam, mas, ainda assim, sentem frustrações pela falta de reconhecimento devido, pela remuneração inadequada ou por ter tido que recomeçar do zero, descartar tudo aquilo que já havia construído, anteriormente, em termos profissionais. Outras demonstram insatisfação geral, fazendo uso de frases impactantes como “*me sinto inútil*”, “*eu parei de sonhar*” e “*essa é minha vida e vou ficar assim para sempre*”.

Com a autoestima prejudicada pelas inúmeras recusas a candidaturas, situações discriminatórias, as dificuldades de integração, todas se mostraram convencidas de que a situação que se encontram é o melhor que podem alcançar. Elas deixam sua área de atuação, aceitam cargos abaixo do que lhes é adequado e já não encontram forças para buscar um

trabalho que lhes proporcione progressos profissionais ou melhores remunerações. Cedem a situação de “rebaixamento”, pois sentem que a sociedade valida, o sistema valida, todo seu entorno valida que não serão capazes, jamais, de nada melhor.

CONCLUSÕES

Em aspectos gerais, não se confirma que as mulheres brasileiras migrantes analisadas por esta investigação tenham o mesmo perfil descrito por Assis (2007) como protagonistas de suas trajetórias de migração, que migram sozinhas, em busca de melhores salários e qualidade de vida. Os resultados das análises comprovam que a principal motivação da mulher brasileira que migra para a região de Wolfsburg é a reunião familiar (Marinucci, 2007), que, consoante a Boyd (1989), Sasaki & Assis (2000) e Fusco (2016), as conexões sociais exercem um importante papel neste processo e que o perfil de transmigrante, com maior conexão entre o local e o global, predomina.

Conclui-se que, a migração não propiciou às mulheres analisadas por essa pesquisa melhores condições socioeconômicas, obtenção de maior grau de autonomia ou promoveu relações sociais mais equitativas, conforme proposto por Morokvašić (2014). Provavelmente, estas suposições se aplicam, mais frequentemente, quando a migração é resultante de experiências de vitimização ou dificuldades financeiras, o que não se aplica ao público estudado.

Ao contrário, conforme exposto por Albuquerque (2005), corrobora-se que, na migração experimentada pelas mulheres estudadas, a importância das relações de poder se intensifica e torna-se nítida a presença de interseccionalidades na inserção de migrantes brasileiras ao mercado trabalho local.

Também na região de Wolfsburg, em concordância com Feijó (2021), ainda que a população brasileira seja, predominantemente, feminina, isso não resulta em oportunidades mais igualitárias a essas mulheres. A partir de suas experiências, ratifica-se o referido por Farrokhzad (2017) quanto à invalidação de qualificações e experiências laborais prévias à migração e à existência de outros obstáculos, de caráter discriminatório, muitas vezes, inerentes ao mercado de trabalho, que não está preparado para receber a diversidade e a superar os preconceitos enraizados.

Em consonância com o exposto por Abrantes (2013), confere-se que, para analisar adequadamente as trajetórias de migrantes, deve-se considerar tanto os eventos passados de suas vidas quanto as suas perspectivas de futuro. Isso se confirma a partir dos relatos referentes às expectativas de duração de estadia no país de destino: mulheres que acreditam que sua estadia será temporária refreiam os esforços ou investimentos para a sua integração.

De acordo com as experiências analisadas, solidifica-se o conceito de mobilidade de classe contraditória de Parreñas (2001). As mulheres em questão sofrem perda de seu status social. Sem encontrar outra possibilidade, se sentem forçadas a abandonar suas profissões e carreiras, para aceitar empregos abaixo de suas qualificações, resultando em sobrequalificação na distribuição ocupacional deste grupo de imigrantes (Padilha, 2007). A pesquisa ajuda a compreender os desajustes entre o nível de qualificação e a atividade laboral exercida por mulheres imigrantes no país de destino expostos por França & Padilla (2018).

Embora a percepção, praticamente unânime, de que o aprendizado do idioma alemão seja a maior dificuldade encontrada em seu processo de integração como um todo (não apenas laboral), a questão discriminatória apontada por Lidola (2013) e Farrokhzad (2017) é validada quando evidencia-se que mesmo aquelas que dominam o idioma não conseguem se inserir adequadamente.

Isso não significa que não exista mulher brasileira que consiga exercer sua profissão ou obter um bom cargo na Alemanha. Apenas ratifica as interseccionalidades presentes no processo. Mulheres que migram jovens, que se qualificam no país (e que, portanto, não enfrentam as barreiras do reconhecimento de diplomas e certificados), que construíram suas experiências na própria Alemanha (e, portanto, não tiveram suas experiências invalidadas pelo preconceito e desconhecimento), que não sofrem a discriminação que incide sobre mães de crianças pequenas, estas, talvez, tenham mais chances. Mas, quanto ao público a que essa dissertação investiga, conclui-se que, com exceção daquelas que já migraram com contrato de trabalho, todas as demais não trabalham, tiveram que mudar de área de atuação ou foram rebaixadas.

Um aspecto bastante discorrido nas referências bibliográficas, como Assis (2007), Lutz & Palenga-Möllenbeck (2011), Padilla & Ortiz (2012), entre outros, e que no caso específico do público analisado não se confirma, é a concentração de mulheres imigrantes no setor de cuidados. É conferido que se concentram em setores de baixo prestígio e em cargos aquém de suas qualificações (Peixoto, 2008; Abrantes, 2013; Padilha, 2007). Porém, não, essencialmente, desempenhando serviços domésticos ou de cuidar.

Adicionalmente, constata-se que profissionais de áreas que apresentam déficit de mão de obra (como enfermagem ou IT) ou aqueles que detém conhecimentos técnicos muito específicos experimentam maior aceitação e facilidade em encontrar bons empregos. A

hierarquização de profissões é evidenciada, até mesmo, pela criação de políticas públicas, promovidas pelo governo federal alemão, de recrutamento de profissionais estrangeiros e concessão de visto especial (“blaue Karte” ou cartão azul) às profissionais das áreas de engenharia, saúde e TI, conhecidas por “MINT-Berufe”.

Outra divergência identificada com relação aos contributos teóricos de Assis & Siqueira (2021) e Feijó (2021)., é a questão dos imaginários de sexualidade da mulher brasileira na Europa . No geral, as mulheres afirmam identificar o cruzamento de discriminações contra mulheres, estrangeiras, mães e (quando se aplica) em função da cor da pele. Mas não conferem que ser natural do Brasil potencialize a marginalização e ressaltam que, pela característica de miscigenação do povo brasileiro, sua nacionalidade costuma passar, num primeiro momento, despercebida.

Isso não prova, entretanto, que não exista o imaginário da mulher brasileira na Alemanha. Apenas demonstra, mais uma vez, o peso das discriminações interseccionadas. As mulheres investigadas não são pertencentes às estratificações sociais mais baixas, têm grau de instrução elevado e, em sua maioria, têm a pele clara. Provavelmente, estes aspectos suavizam o imaginário coletivo do erotismo, o clássico estereótipo da “mulata do carnaval.

Não particularmente com relação às mulheres, mas sim à comunidade como um todo, testifica-se o clichê “Brasil: Carnaval e Futebol”, que atribui critérios negativos, como a falta de seriedade, ao povo brasileiro. Entretanto, divergente do exposto na literatura sobre o caso português por Góis et al. (2009), no qual imigrantes brasileiros são considerados um problema, estereotipados e estigmatizados, frequentemente relacionados à criminalidade, ilegalidade e sexualização, na Alemanha, a nacionalidade brasileira não está entre as mais malquistas.

É notável a existência de uma hierarquização entre os imigrantes. Assim como imigrantes provenientes de países desenvolvidos são mais bem aceitos e acolhidos nas diversas esferas (inclusive, quanto à sua inserção no mercado de trabalho), os estrangeiros de origem árabe, em especial, da religião islâmica são os mais marginalizados no país. Essa marginalização se tornou ainda mais evidente após a chegada de refugiados ucranianos. A tolerância e solidariedade com pessoas brancas e europeias em situação de refúgio, não apenas por parte da sociedade civil, mas também em políticas públicas é discrepante e notória. Os brasileiros, por sua vez, se encontram em uma posição intermediária: nem os mais bem-vindos,

tampouco os mais hostilizados. Alguns relatos sugerem, inclusive, a aproximação por parte dos alemães em função do interesse pela cultura brasileira e pelo turismo no Brasil.

Em síntese, confirma-se o relatado por Abrantes (2013). que, apesar de experimentar trajetórias de mobilidade descendente, há aspectos favoráveis que compensam e tornam altos os níveis de satisfação com a vida na Alemanha. O balanço entre ganhos e perdas é positivo e não há traços de arrependimento pela decisão por migrar. Os aspectos que mais se destacam são a melhor qualidade de vida (menos horas de trabalho, mais tempo com a família, menor criminalidade, maior segurança financeira e social, liberdade, menos tempo no trânsito) e as experiências de vida (exposição à nova cultura, outras visões e valores, aprendizado de um idioma diferente, construção de novos relacionamentos).

De forma contraditória, embora bastante satisfeitas com suas vidas na Alemanha, a maior parte externaliza planos de, no futuro, voltar a viver no Brasil ou, ao menos, mudar-se para outro país cujos clima e cultura se assemelhem mais aos brasileiros. É difícil avaliar se se trata de uma estratégia racional, ou se é um desejo impulsivo, movido por nostalgia e saudades. No processo migratório, são muitas as nuances que se relacionam, que permeiam as vivências e as construções sociais. Como as pessoas se vêem e como são vistas (a identidade), como a sociedade pode colocar em vulnerabilidade pessoas com base em estereótipos e preconceitos, como a saúde mental responde a essas interações e percalços. De todas as formas, o desejo de voltar às origens é um claro sinal de que estas mulheres não se sentem, de fato, “em casa”, integradas e pertencentes à sociedade do país de acolhida.

Certamente, as soluções mais eficientes aos problemas relatados acima seriam aquelas a serem incentivadas e implementadas através de políticas públicas.

Atualmente, predomina o foco sobre a população migrante em situação de emergência, em especial refugiados, que enfrentam problemas mais urgentes e necessitam acesso às condições básicas de sobrevivência. Obviamente, essa parcela da população realmente precisa e merece todo o suporte do governo. Mas a concentração exclusiva sobre as necessidades deste grupo não permite confrontar as situações que resultam de discriminação estrutural. Os órgãos públicos e instituições passam a considerar que mulheres que não estão em situação de extrema vulnerabilidade não devem ser assistidas. Se o parceiro tem renda e pode prover o sustento à família, a necessidade desta mulher se inserir no mercado de

trabalho, alcançar sua autonomia e independência financeira passa a ser desprezada pelas autoridades, tratada como fútil e insignificante.

Para eliminar discriminações e promover maior empatia, as estratégias e os programas públicos precisam ser revisados. Igualmente, os funcionários de órgãos públicos da agência oficial de empregos e aqueles que lidam com estrangeiros precisam ser capacitados. É preciso que saibam lidar com a diversidade, para que possam oferecer oportunidades justas e coerentes às qualificações daquelas que buscam empregos e para que possam dar informação, assistência e ferramentas (como cursos e seminários) que ajudem essas mulheres a entender melhor e a se adaptar às necessidades do mercado.

Outra necessidade é a revisão dos processos de validação de diplomas obtidos no estrangeiro. Reduzir a complexidade e morosidade dos processos de reconhecimento de formações traria benefícios ao processo de integração das mulheres migrantes e, também, à sociedade, que sofre com a falta de mão de obra especializada em setores de extrema importância, como professores, pedagogos, cuidadores e profissionais da saúde.

Devido à importância e a dificuldade do aprendizado do idioma, também sobressai a necessidade de criação de novas ofertas de ensino do idioma alemão, mais adequadas às necessidades das mulheres migrantes. Dois aspectos que merecem ser considerados são os custos e os cuidados a filhos de participantes.

Cursos gratuitos são escassos. Obter bolsas oferecidas pelo BAMF é burocrático, demorado e leva em conta a renda familiar, o que exclui, também aqui, mulheres cujos maridos estão empregados. Essa prática as coloca em posição de dependência ainda maior de seus parceiros e, em casos extremos, intensifica sua condição de vulnerabilidade, uma vez que a privação do aprendizado do idioma se torna uma ferramenta para exercer o domínio e a violência sobre as mulheres.

Mulheres com filhos abaixo de 3 anos de idade são submetidas a um círculo vicioso: se não falam alemão, não podem trabalhar. Se não têm um contrato de trabalho firmado, não têm direito a colocar seus filhos em creches. Se não têm quem cuide de seus filhos, não tem a chance de frequentar um curso de idiomas. Para assistir a este grupo de mulheres, há duas possíveis alternativas: promover cursos que ofereçam cuidadores e adequar os critérios para a distribuição de vagas em creches públicas, para que filhos de mães que frequentem um curso de alemão também tenham direito a vagas para seus filhos.

Ainda sobre aprendizado do idioma alemão, tão importante quando a oferta de cursos, senão mais importante ainda, é fomentar, através de políticas, programas e incentivos fiscais para que empresas e órgãos públicos ofereçam vagas de estágio a mulheres imigrantes com qualificação adquirida no exterior, de modo a proporcionar-lhes a oportunidade de aprender e praticar o idioma “in loco”.

Mulheres qualificadas e capacitadas têm conhecimento sobre como desempenhar suas profissões, o que lhes falta é estar em contato com os termos, vocabulário e situações próprias do mercado de trabalho. Necessitam aprender o alemão profissional, conquistar segurança para trabalhar em alemão, porém, por razões estruturais e legais, essas mulheres não têm espaço para aprender este nível do idioma.

Ainda que adquiram fluência em cursos regulares, não são capazes de externalizar seu grau de conhecimento profissional adequadamente, fazendo com que sejam recusadas em processos seletivos apropriados ao seu nível de qualificação.

A legislação atual permite às organizações a contratação de estagiários não remunerados por até 3 meses, desde que estes tenham vínculo com alguma instituição de ensino. No caso de o currículo acadêmico em questão incluir estágio obrigatório, o prazo de estágio não remunerado pode se estender a até 6 meses.

Em contrapartida, a contratação de não-estudantes, como é o caso das mulheres migrantes já graduadas, apenas é possível mediante pagamento de salário-mínimo obrigatório, que corresponde, desde janeiro de 2024, a 12,41 euros/hora. De acordo com o tipo de contrato firmado, além do pagamento das horas trabalhadas, as empresas têm, adicionalmente, outros custos, como férias, previdência social, seguro saúde, etc..

Este cenário desencoraja empresas a oferecerem oportunidades a pessoas graduadas e que não dominem o idioma, ao mesmo tempo que torna muito atrativo admitir estagiários que, em função da compulsoriedade do estágio para a conclusão do curso acadêmico, comumente aceitam trabalhar sem remuneração alguma.

É oportuno salientar que, também no sentido de minimizar as dificuldades relatadas, é extremamente importante que esferas de governo reforcem o suporte oferecido às instituições e iniciativas que se dedicam a assistir mulheres estrangeiras. Trata-se de organizações da sociedade civil, que também desempenham papel fundamental em todo o

processo, pois estão mais próximas das mulheres migrantes, entendem suas necessidades e fazem a ponte entre elas, os órgãos públicos e às empresas.

Também são estas organizações que proporcionam espaços para o diálogo, partilha de experiências e apoio mútuo entre mulheres migrantes, preenchendo diversas lacunas na assistência pública, além de trabalhar aspectos bastante relevantes como questões de saúde mental, acolhimento, criação de rede de apoio e integração social – fatores essenciais para lidar com as questões de autoestima, confiança e sentimento de pertença.

BIBLIOGRAFIA

- Abrantes, Manuel (2012). A densidade da sombra: trabalho doméstico, género e imigração. em *Sociologia, Problemas e Práticas*. n. ° 70, 91-110. CIES. <https://doi.org/10.7458/SPP2012701212>
- Abrantes, Manuel (2013). A globalização vista de baixo: um estudo sobre etnicidade, empreendedorismo e identidade de classe, em *Revista Migrações*, n.º 11, 57-78. ACIDI. https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/183863/Migracoes11pp57_78.pdf/e23ecee0-5fe9-4027-83c5-087ec32015a3
- Aires, Luísa (2015). Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional. Universidade Aberta
- Albuquerque, Rosana (2005). Para uma análise multidimensional da situação das mulheres: as relações entre género, classe e etnicidade. CEMRI/ Universidade Aberta.
- Anderson, Bridget (2000). *Doing the Dirty Work? The Global Politics of Domestic Labour*. Zed Books.
- Assis, Gláucia Oliveira (2007). Mulheres migrantes no passado e no presente: género, redes sociais e migração internacional. Em *Estudos Feministas*. Universidade do Estado de Santa Catarina.
- Assis, Gláucia Oliveira e Siqueira, Sueli. (2021). Entre o Brasil e a Europa: brasileiras negociando género e raça nas representações sobre “a mulher brasileira”. Em *Caderno Pagu* , n.º 63. Núcleo de Estudos de Género-Pagu/Unicamp. <https://doi.org/10.1590/18094449202100630006>
- Azevedo, Leonardo Francisco de; França, Thais e Cairns, David (2022). “You’re Better Being Poor Here”: Migration Decision-Making and Political and Lifestyle Considerations Among Qualified Brazilians in Portugal. *Migraciones*, n° 56, 1-16.
- Barañano Cid, Margarita e Marchetti, Sabrina. (2016). Perspectivas sobre género, migraciones transnacionales y trabajo: rearticulaciones del trabajo de reproducción social y de cuidados en la Europa del Sur. Em *Investigaciones Feministas*, v. 7 n.º 1, 9-33.
- Bock, Gisela (1989). História, História das Mulheres, História do Género, Em *Fazer e Desfazer História*, n° 4, 158-187
- Boyd, Monica (1989). Family and personal networks in international migration: recent developments and new agenda. Em *International Migration Review*, n.º 23, 638-670. <https://doi.org/10.1177%2F019791838902300313>
- Boyd, Monica & Grieco, Elizabeth (2003). Women and Migration: Incorporating gender into international migration theory. Migration Policy Institute. <https://www.migrationpolicy.org/article/women-and-migration-incorporating-gender-international-migration-theory>
- Carmo, Hermano e Ferreira, Manuela Malheiro (2008). Metodologia da investigação - Guia para auto-aprendizagem (2ª ed.). Universidade Aberta
- Carnicer, Javier. A. (2019): Transnational migration and educational opportunities. A case study of migration from Brazil to Germany. Em *London Review of Education*, n.º 17, 1, 14-25.
- Chua, Amy (2011). *Battle Hymn of the Tiger Mother*. Penguin Press
- Falqueto, Junia Maria Zandonade, Hoffman, Valmir Emil, e Farias, Josivania Silva (2018). Saturação Teórica em Pesquisas Qualitativas: Relato de uma Experiência de Aplicação em Estudo na Área de Administração. EM *Revista de Ciências da Administração*, v.20,

- n.º 52, 40-53. Universidade Federal de Santa Catarina. <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2018V20n52p40>
- Farrokhzad, Schahrzad (2017) Potenziale erkennen, Hürden abbauen – Situation von Frauen mit Migrationshintergrund in Bildung und Beschäftigung. [Reconhecendo o potencial, removendo os obstáculos - a situação das mulheres com antecedentes migratórios na educação e no emprego]. IQ Netzwerk. https://www.netzwerk-iq.de/fileadmin/Redaktion/Downloads/IQ_Publicationen/IQ_konkret_Artikel/2017_03_IQ_konkret_Farrokhzard_Potentiale_erkennen_Huerden_abbauen.pdf
- Feijó, Glauco Vaz (2021). Retratos do Brasil na Alemanha – 30 anos de imigração. Pontes Editores.
- Ferreira, Marcos Farias (2013, Agosto). A ética da investigação em ciências sociais. Em *Revista Brasileira de Ciência Política*. n.º11, 169-191.
- Figueiredo, Maria da Conceição, Suleman, Fátima & Botelho, Maria do Carmo (2016) Workplace Abuse and Harassment: The Vulnerability of Informal and Migrant Domestic Workers in Portugal. Em *Social Policy & Society*. v 17, 65-85. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/S1474746416000579>
- Fürstenau, Sara (2019). Educational aspirations of underprivileged female migrants. An ethnographic case study of a transnational network of care workers between Brazil and Germany. Em *Gogolin. I.; Maaz, Kai (ed). Migration und Bildungserfolg, v. 51 of Zeitschrift für Erziehungswissenschaft, Sonderheft*. 185-202.
- Fusco, Wilson (2016). Conexão Origem-Destino: migrantes brasileiros no exterior. Em *Anais do XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. Conference: XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. <http://dx.doi.org/10.13140/2.1.2175.2640>
- França, Thais (2023). Emotional Encounters during Fieldwork: Researching Brazilian Women Migrants as a Brazilian Women Researcher', *Migration Letters*, v 20, N 2, 365-373. ISCTE - University Institute of Lisbon <https://doi.org/10.33182/ml.v20i2.2835>
- França, Thais, & Padilla, Beatriz (2018). Imigração brasileira para Portugal: Entre o surgimento e a construção mediática de uma nova vaga. Em *Cadernos de Estudos Sociais*, 33(2).
- Góis, Pedro, Marques, José Carlos, Padilla, Beatriz e Peixoto, João (2009), Segunda ou terceira vaga? As características da imigração brasileira recente em Portugal. Em *Migrações*, n.º 5, 111-133
- Góis, Pedro, Marques, José Carlos, Valadas, Carla, Leite, Ana e Nolasco, Carlos (2018). Discriminação no recrutamento e acesso ao mercado de trabalho de imigrantes e portugueses de origem estrangeira. OI/ACM. <https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/177157/Estudo+OM+%2363.pdf/bf9284d4-046e-449f-b52c-841c0d4e2e12>
- Kahrsch, Vania (1996) Perspektive des Lebens der brasilianischen Immigrantinnen in Deutschland, Em: *Briesemeister / Rouanet*, 333-339.
- Lidola, Maria (2013): Changing boundaries and redefining relations: migration and work experiences of Brazilian women in Germany. Em Fritz, Barbara, Kummels, Ingrid & Rinke, Stefan. *Migrations between Spaces in the Americas and Beyond*. Special issue. FIAR (Forum for Inter-American Research). <http://interamerica.de/current-issue/lidola/>
- Losco, Karyn A. & Robinson, Joyce (1991). Barriers to women's small business success in the United States. Em *Gender and Society*. v 5, 511-532. <http://dx.doi.org/10.1007/s11187-011-9374-z>

- Lutz, Helma & Palenga-Möllenbeck, Ewa (2011). Care, gender and migration: towards a theory of transnational domestic work migration in Europe. Em *Journal of Contemporary European Studies*, v 19, 349-364, University of Salford.
<https://doi.org/10.1080/14782804.2011.610605>
- Marinucci, Roberto (2007). Feminization of migration? Em REMHU Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, v 15 n° 29. CSEM.
<https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/55/47>
- Miranda, Joana (2009). Mulheres Imigrantes em Portugal: Memórias, Dificuldades de Integração e Projetos de Vida. OI/ACIDI.
https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/177157/OI_35.pdf/3e340a7d-45c6-4f17-ad8f-b2bcf1c36251
- Moro, Marie Rose (2015) Psicoterapia transcultural da migração. Em *Psicologia USP*
[DOI, 10.1590/0103-6564d20140017](https://doi.org/10.1590/0103-6564d20140017)
- Morokvašić, Mirjana (2014). Gendering Migration. Em *Migracijske i etničke teme* [Migration and Ethnic Themes], v30, 355-378. Institut za migracije i narodnosti.
<http://dx.doi.org/10.11567/met.30.3.4>
- Padilla, Beatriz (2007). A imigrante brasileira em Portugal: considerando género na análise. Em Malheiros, Jorge Macaísta (org.). *A imigração brasileira em Portugal*. 113-135.
- Padilla, Beatriz & Ortiz, Alejandra (2012). Fluxos migratórios em Portugal: do boom migratório à desaceleração no contexto de crise: balanços e desafios. Em *Revista Internacional de Mobilidade Humana*, v 20 n° 39. 159-184.
- Parreñas, Rhacel Salazar (2001). *Servants of Globalization. Women, Migration, and Domestic Work*. Stanford: Stanford University Press.
- Parreñas, Rhacel Salazar (2012). The reproductive labour of migrant workers. Em *Global Networks*, v 12, 269-275. <https://doi.org/10.1111/j.1471-0374.2012.00351.x>
- Paz, Helena de Sousa, Assis, Gláucia de Oliveira, Delluno, Isabel Hirt (2020). Migrante, autônoma, mulher: a migração como um projeto educacional e empoderador. 30º Seminário de Iniciação Científica. UDESC.
- Peixoto, João (coord.) (2006). *Mulheres Migrantes: Percursos Laborais e Modos de Inserção Socioeconómica das Imigrantes em Portugal*. SOCIUS/ISEG: Universidade Técnica de Lisboa.
- Peixoto, João (2008). “Imigração e mercado de trabalho em Portugal: investigação e tendências”. Em Peixoto, João (org.), *Revista Migrações - Número Temático Imigração e Mercado de Trabalho*, n.º 2, 19-46. ACIDI.
- Pessar, Patricia R. (1999). The Role of Gender, Households, and Social Networks in the Migration Process: A Review and Appraisal. Em: Hirschman, Charles, Kasinitz, Philip, & Dewind, Joshua. *The Handbook of International Migration: The American Experience*. Russell Sage Foundation.
- Pessar, Patricia R. (2000) The Linkage Between the household and workplace of Dominican women in the U.S. Em *International Migration Review*, v 18, n° 4. Georgetown University.
- Pinheiro, Ana Cristina Dias e Silva, Bento Duarte da (2004). A Estruturação do Processo de Recolha de Dados On-Line. Em *Actas da X Conferência Internacional Avaliação Psicológica, Formas e Contextos*, 522-529. Psiquilíbrios Edições
- Sasaki, Elisa Massae & Assis, Gláucia de O. (2000) Teorias das migrações internacionais”. In: *XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*.

- Saunders, Mark, Lewis, Philip & Thornhill, Adrian (1997). *Research Methods for Business Students*. Pearson Education
- Souza, Mathilde de (2023). Entre nacionalismo e globalização: o populismo de extrema direita na união europeia. In: *Episteme Transversalis*, [S.l.], v. 14, n. 3, 82-103
<http://revista.ugb.edu.br/ojs302/index.php/episteme/article/view/3032>
- Stelzig-Willutzki, Sabina (2012). *Soziale Beziehungen im Migrationsverlauf: Brasilianische Frauen in Deutschland [Relações Sociais no Processo Migratório: Mulheres brasileiras na Alemanha]*. Springer.

Sites

- BAMF (Departamento Federal de Migrações e Refugiados) (2020) Migrationsbericht der Bundesregierung 2020 [Relatório de Migrações do Governo Federal 2020].
<https://www.bamf.de/SharedDocs/Anlagen/DE/Forschung/Migrationsberichte/migrationsbericht-2020.html?view=renderPdfViewer&nn=1018856>
- DESTATIS (Departamento Federal de Estatísticas) (2023)
<https://www-genesis.destatis.de/genesis/online?sequenz=statistikTabellen&selectionname=12411#abreadcrumb>
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) (2023). Principais Resultados do CENSO Demográfico 2022 promovido pelo IBGE, incluindo mapas e estatísticas sobre população e domicílios <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/index.html>
- MRE (Ministério de Relações Exteriores, Governo Federal do Brasil) (2021). Comunidade brasileira no exterior - Estatísticas 2021. https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/arquivos/14-09_brasileiros-no-externo.pdf
- Stadt Braunschweig (2022). Bevölkerung mit ausländischer Staatsangehörigkeit
https://www.braunschweig.de/politik_verwaltung/fb_institutionen/fachbereiche_referate/fb01/ref0120/stadtforschung/Infoline_StaFo_BS_2022-06_Staatsangehoerigkeiten_2021.pdf
- Stadt Wolfsburg (2019). *Das Archiv - Zeitung für Wolfsburger Stadtgeschichte* n°14
<https://www.wolfsburg.de/kultur/geschichte/izs-neu/izs-aktuelles/das-archiv>
- Stadt Wolfsburg (2022). *Wolfsburger Statistik - Daten & Fakten*
https://statistik.stadt.wolfsburg.de/Informationsportal_15/Upload/Veroeffentlichungen/PDF/Stadtwolfsburg_Bevoelkerungsbericht2022.pdf
- Statistische Ämter des Bundes und der Länder (2022) *Volkswirtschaftliche Gesamtrechnungen der Länder Bruttoinlandsprodukt, „Bruttoinlandsprodukt, Bruttowertschöpfung in den kreisfreien Städten und Landkreisen der Bundesrepublik Deutschland 1992 und 1994 bis 2021 (Reihe 2 Band 1).xls“; Bruttoinlandsprodukt in jeweiligen Preisen je Einwohnerin bzw. Einwohner*
<https://www.statistikportal.de/de/vgrdl/ergebnisse-kreisebene/bruttoinlandsprodukt-bruttowertschoepfung-kreise>

Anexo I - Formulário de Consentimento

A entrevista a ser realizada tem por objetivo prover material de análise para o desenvolvimento da dissertação do Mestrado em Estudos Sobre As Mulheres - Género, Cidadania e Desenvolvimento, a decorrer na Universidade Aberta de Portugal. Este trabalho se apoia em estudos que integram as relações de gênero aos estudos migratórios, visando entender experiências específicas da mulher migrante no mercado de trabalho, considerando discriminações interseccionadas de género, origem racial e étnica, classe social e condição de imigrante ao longo do processo migratório.

O estudo está sendo realizado pela Juliana Avila (juavila@gmail.com), sob orientação dos professores Doutor Manuel Abrantes (manuelabrantes@gmail.com) e Doutora Rosana Albuquerque (Rosana.Albuquerque@uab.pt), os quais poderá contatar em caso de dúvidas ou envio de seus comentários.

Sua participação é voluntária e de suma importância para a realização deste estudo. Consiste em responder a entrevista, com duração estimada de 1 hora, a qual será gravada para garantir a integridade das informações recebidas. A gravação **não** será publicada e nem compartilhada, seu nome, assim como suas respostas serão trabalhadas de forma **anônima e confidencial**. Caso julgue necessário, lhe é reservado o direito de interromper sua participação a qualquer momento, assim como solicitar que seja excluída do estudo, sem necessidade de nenhuma justificativa.

Eu, _____, aceito
(Nome)
participar da entrevista e estou de acordo com as condições expostas acima.

(Cidade, Data)

Assinatura da Entrevistada

(Cidade, Data)

Juliana Avila

Anexo II – Questionário aplicado

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfJ8Ot2TFCTeCtZ6yZhdXM8ORYmveT3cOI6V2Jj5fZPSeas4g/viewform?usp=sf_link

Recolha de Dados Estatísticos para Tese de Mestrado

Olá!
Meu nome é Juliana Avila, sou mestranda em Estudos sobre as Mulheres - Gênero, Cidadania e Desenvolvimento e preciso da sua ajuda para realização da minha dissertação de mestrado!

Procuo mulheres brasileiras, que cursaram o nível superior e iniciaram sua carreira profissional no Brasil e que exercem (ou gostariam de exercer!) atividade remunerada na Alemanha.

O objetivo do meu estudo é descobrir se existem dificuldades enfrentadas por mulheres brasileiras no mercado de trabalho alemão, verificar se percebem algum tipo de discriminação e identificar como apoiá-las, para que possam contornar essas adversidades.

Você estaria disposta a me ajudar, respondendo este questionário, de forma voluntária?

Importante! Todas as respostas serão tratadas de **forma confidencial!**

Estou à disposição para qualquer questionamento.
Muito obrigada pela sua participação!

Um abraço,

Juliana Avila
juavila@gmail.com
0176 4525 1886

Em que cidade da Alemanha você mora?

Sua resposta _____

Qual a sua idade?

Sua resposta _____

Quantos anos você tinha quando se mudou para a Alemanha?

Sua resposta _____

Qual a sua formação universitária?

Sua resposta _____

Quantos anos de formada você tinha quando se mudou para a Alemanha?

Sua resposta _____

Por quantos anos você exerceu sua profissão no Brasil, antes de se mudar para a Alemanha?

Sua resposta _____

Qual era seu nível de conhecimento do idioma alemão quando você se mudou para a Alemanha?
Qual é atualmente?

Sua resposta _____

Você exerce atividade remunerada atualmente? Se sim, há quantos anos?

Sua resposta _____

O seu trabalho atual é na mesma área/função que você estou e/ou trabalhava no Brasil?

- Não exerço atividade remunerada no momento.
- Sim. Atuo na mesma área/função ou função acima da que já atuava no Brasil.
- Sim. Na realidade, eu continuo trabalhando, remotamente/à distância, com o Brasil.
- Sim. Atuo na mesma área, porém em uma função diferente ou abaixo da que já atuava no Brasil.
- Não. Trabalho, atualmente, em outra área.
- Não. Na Alemanha, optei por trabalhar por conta própria ou abrir meu próprio negócio.
- Outro: _____

Se assinalou a opção "Outro" acima, por favor, conte mais a respeito.

Sua resposta _____

Se assinalou "Não. Na Alemanha, optei por trabalhar por conta própria ou abrir meu próprio negócio", qual foi o motivo que te levou a essa decisão?

- Encontrei muitas dificuldades em exercer minha profissão na Alemanha (Idioma, Reconhecimento do diploma, Diferentes formas de atuação etc).
- Dificuldade em conciliar maternidade e a profissão exercida anteriormente (falta de rede de apoio).
- Sempre quis empreender e aproveitei essa oportunidade.
- Outro: _____

Se assinalou a opção "Outro" acima, por favor, conte mais a respeito.

Sua resposta _____

Qual o motivo da sua mudança para a Alemanha?

- Em função de proposta de trabalho, que recebi enquanto ainda residia no Brasil.
- Para dar continuidade aos meus estudos.
- Para acompanhar meu parceiro/namorado/marido, que recebeu proposta de trabalho enquanto ainda residia no Brasil.
- Para estar junto com meu parceiro/namorado/marido, que é alemão ou de outra nacionalidade, mas já residia aqui quando nos conhecemos.
- Em busca de novas oportunidades.
- Outro: _____

Você tinha filhos que trouxe com você quando se mudou para a Alemanha?
Se sim, quantos e qual a idade deles no momento da mudança?

Sua resposta _____

Você estaria disposta a me contar um pouco mais sobre sua experiência numa pequena entrevista?

Importante! A entrevista **não** será publicada e nem compartilhada. Seu nome, assim como suas respostas serão trabalhadas de forma **anônima e confidencial**. O propósito é apenas entender, na prática, se existem dificuldades enfrentadas por mulheres brasileiras no mercado de trabalho alemão, verificar se percebem algum tipo de discriminação e identificar formas de ajudá-las a contornar estas adversidades.

Sim

Não

Caso você esteja disposta a me ajudar, por favor, deixe seus dados, para que eu entre em contato com você.

Nome:

Sua resposta

Caso você esteja disposta a me ajudar, por favor, deixe seus dados, para que eu entre em contato com você.

Nome:

Sua resposta

WhatsApp:

Sua resposta

E-Mail:

Sua resposta

Enviar

Limpar formulário

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este formulário foi criado fora de seu domínio. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários

Anexo III – Guião para Entrevista

- Para começar, me conte um pouco como foi a sua vinda para a Alemanha. Qual foi o motivo, com quem você veio, você já tinha planos de ficar mais tempo ou veio apenas por um período determinado?
- Foi um desejo seu se mudar para a Alemanha? Ou foi uma situação em se sentiu forçada a se mudar?
- Como você considera que se adaptou/integrou à Alemanha? Por quê?
- Quais foram as dificuldades que você encontrou no processo de migração? Qual é a maior dificuldade para você?
- Como é ser mulher imigrante brasileira na Alemanha?
- Você percebe algum tipo de preconceito? Já se sentiu discriminada em alguma situação? Conte sua experiência.
- E quanto ao trabalho? Como é esta questão para você?
- Na sua opinião, qual o maior desafio de se trabalhar na Alemanha?
- Você trabalhar na sua área?
 - Se sim, você considera que seu trabalho é adequado às suas qualificações profissionais? Ou sente que foi “rebaixada” para poder trabalhar aqui?
 - Se não, o que levou você a mudar de área?
 - Se empreendedora: quais motivos te levaram a empreender? Que dificuldades enfrentou no começo? Quais enfrenta agora?
- Como é conciliar a família e a vida profissional na Alemanha? Você percebe diferença com relação ao Brasil? O quanto isso influencia na sua decisão por não trabalhar/mudar sua atividade profissional?
- Como é sua vida social? Você se relaciona bastante com alemães? Ou mais com brasileiros e outros estrangeiros?
- Qual o papel do seu trabalho nas relações e amizades que você criou?
- Quais são os ganhos pessoais e profissionais que a migração trouxe para você?
- Quais são as perdas pessoais e profissionais que a migração trouxe para você?
- Você se sente realizada profissionalmente? Ou sente alguma frustração?

- Você se arrepende de ter vindo morar na Alemanha? Conte sobre Expectativa vs. Realidade para você?
- Tem vontade de voltar a viver no Brasil? Por quê?
- No final de um dia de trabalho, como se sente (física e emocionalmente)?